

O IMPACTO DAS QUEIMADURAS EM CRIANÇAS E A CONTRIBUIÇÃO DO ENFERMEIRO PARA MINIMIZAR O TRAUMA

Maria Eduarda da Silva Andrade Lopes¹; Andréia Caron²; Adriana Aparecida Baraldi Gaion³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – Email; mahlopesofc@gmail.com

^{2,3} Professoras do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – andreiacaron@hotmail.com ; adrianabaraldig@gmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Queimaduras; Jogos Recreativos; Criança Hospitalizada; Equipe de Enfermagem; Manejo da Dor.

Introdução: As queimaduras representam um problema relevante na pediatria, causando dor intensa, sequelas físicas e impactos emocionais significativos, como medo, ansiedade e alterações na imagem corporal, que dificultam a recuperação (Meschial; Sales; Oliveira, 2016). Nesse contexto, a atuação da enfermagem é fundamental, com cuidados humanizados, manejo da dor, apoio psicológico e uso de estratégias lúdicas que favorecem a adaptação ao ambiente hospitalar (Costa *et al.*, 2023). Além disso, o enfermeiro exerce papel preventivo ao orientar famílias sobre riscos domésticos e promover ambientes mais seguros para as crianças, reforçando sua contribuição na redução da ansiedade e de outros traumas (Nascimento *et al.*, 2025).

Objetivos: Avaliar a contribuição da equipe de enfermagem na redução da ansiedade e do trauma em crianças vítimas de queimaduras.

Relevância do Estudo: Destaca o papel fundamental da enfermagem no cuidado de crianças vítimas de queimaduras, mostrando como práticas humanizadas, manejo da dor e estratégias lúdicas podem minimizar impactos físicos e emocionais, melhorar a adaptação ao ambiente hospitalar e contribuir para a recuperação integral do paciente pediátrico.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão bibliográfica de natureza narrativa, que permitiu analisar de forma ampla e interpretativa o impacto das queimaduras em crianças e a contribuição da equipe de enfermagem para minimizar traumas. A pesquisa foi realizada em bases de dados eletrônicas, incluindo BVS, SciELO, PubMed, CAPES Periódicos e Google Acadêmico. Foram incluídos artigos publicados entre 2016 e 2025, disponíveis na íntegra, escritos em português, inglês ou espanhol, que abordassem a atuação da enfermagem, estratégias lúdicas e recreativas no cuidado pediátrico.

Resultados e discussões: Para Costa *et al.* (2023) e Cordeiro (2021) a enfermagem é essencial no cuidado de crianças vítimas de queimaduras, reduzindo impactos físicos e emocionais por meio de atendimento humanizado, manejo da dor e apoio psicológico o uso de estratégias lúdicas, como ludoterapia, brinquedos terapêuticos, musicoterapia e aromaterapia, favorecem a adaptação ao ambiente hospitalar e a aceitação de procedimentos, fortalecendo vínculos com a equipe. A educação familiar e as ações preventivas também se destacam na redução da incidência de acidentes e na promoção de ambientes seguros, dessa forma, a integração de práticas farmacológicas e não farmacológicas, aliada à humanização e ao trabalho multiprofissional, garante melhor recuperação física, emocional e social, reafirmando o papel central do enfermeiro no cuidado integral (Domingues; Melo; Secati, 2023).

Conclusão: conclui-se que a atuação da equipe de enfermagem é essencial para a recuperação física, emocional e social de crianças vítimas de queimaduras. Cuidados humanizados, manejo adequado da dor, acompanhamento psicológico, uso de estratégias

lúdicas e educação familiar contribuem significativamente para reduzir ansiedade, medo e trauma, além de favorecer a adaptação ao ambiente hospitalar, destacando o papel central do enfermeiro no cuidado integral e na promoção do bem-estar do paciente pediátrico queimado.

Referências

CORDEIRO, M. D. **O brincar terapêutico na promoção do conforto da criança hospitalizada**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica) Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Setúbal, Lisboa, 2021. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/server/api/core/bitstreams/b3fbdf09-53c8-49b1-a663-b1d4a2f62492/content>. Acesso em: 14 mar. 2025.

COSTA, P. C. P. *et al.* Cuidados de enfermagem direcionados ao paciente queimado: uma revisão de escopo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 76, e20220205, 2023. DOI 10.1590/0034-7167-2022-0205. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/vsThRqQXTLVvkqRVH6NSLGhd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2025.

DOMINGUES, M. J. A.; MELO, A. G.; SECATI, A. F. A importância do uso da regra dos nove para o atendimento do grande queimado em unidade de emergência sob a ótica do Enfermeiro. **Revista Faculdades do Saber**. v. 08, n. 17, p. 1811-1818, maio. 2023. Disponível em: <https://rfs.emnuvens.com.br/rfs/article/view/220/163>. Acesso em: 05 set. 2025.

MESCHIAL, W. C.; SALES, C. C. F.; OLIVEIRA, M. L. F. Fatores de risco e medidas de prevenção das queimaduras infantis: revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Queimaduras**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 267-273, 2016. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/09/915188/v15n4a08.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

NASCIMENTO, M. R. *et al.* O enfermeiro como agente de prevenção de queimaduras em crianças: estratégias educativas na atenção primária. **Research, Society and Development**, v. 7, n. 5, 2025 DOI:10.36557/2674-8169.2025v7n5p1172-1186. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/5836/5703>. Acesso em: 09 set. 2025.

IMPORTÂNCIA DA RASTREABILIDADE DOS MATERIAIS PROCESSADOS PARA GARANTIR A SEGURANÇA DO PACIENTE

Lays Catharina Melges¹; Milena Marinho Secco²; Nicole Berti Cruz³; Josiane Estela de Oliveira Prado⁴
^{1,2,3}Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – laysmelges1709@gmail.com ;

milena.secco@fibbauru.br ; nicoleberti21@gmail.com;

⁴Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
josituca66@gmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: central de esterilização e de materiais, programa de rastreamento, esterilização, segurança do paciente, enfermagem.

Introdução: A segurança do paciente é o principal alicerce do atendimento à saúde. No ambiente hospitalar, a Central de Material e Esterilização (CME) executa a tarefa essencial na distribuição de materiais corretamente esterilizados. Dessa forma, o rastreamento é imprescindível, promovendo o monitoramento e controle de todos os processos desde limpeza até a desinfecção ou esterilização dos materiais. A execução falha desses processos pode levar a exposição dos pacientes a riscos, como contaminações e eventos adversos, destacando a extrema importância de um sistema correto de rastreamento. A CME é considerada o setor que presta serviço de maneira indireta aos pacientes, sendo responsável pelo processamento de Produtos Para Saúde (PPS). Dessa forma, inclui-se as etapas de limpeza, desinfecção, esterilização, armazenamento, distribuição e transporte para os demais setores hospitalares (Vasconcelos *et al.*, 2021). O sistema de rastreamento é uma prática eficaz, que permite o controle de todas as etapas do processamento dos PPS. A aplicação correta do processo traz como resultado a identificação e localização correta dos itens, por meio dos dados registrados após o cadastro de cada material que são enviados ao setor de destino e retorno para o reprocessamento, o que auxilia a análise, o controle de contaminação, assegurando na confiança na utilização do PPS pelo profissional (Mineli *et al.*, 2023). Cada ciclo de processamento dos PPS deve seguir boas práticas, aliado a um sistema de qualidade reconhecido, à capacitação contínua dos profissionais e à garantia da rastreabilidade. Esses elementos compõem a gestão de riscos no CME, com o objetivo de assegurar que incidentes, não conformidades e falhas sejam rapidamente identificadas e analisadas pela equipe de saúde (Araujo; Diniz; Schiffer, 2025).

Objetivo: Analisar a importância do rastreamento dos PPS processados na CME, demonstrando seu impacto para a segurança do paciente e na qualidade da assistência prestada.

Relevância do Estudo: Por mais que o processo tenha grande importância na qualidade da assistência prestada, ainda existem falhas na implementação correta dos sistemas de rastreamento em algumas instituições de saúde, o que pode atrapalhar a identificação dos erros e o controle de riscos.

Materiais e métodos: O trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica. A investigação se deu em plataformas digitais de pesquisa, a exemplo do SciELO, PubMed e Google Acadêmico, empregando termos padronizados pelos Descritores em Ciências da Saúde (DECS). Entre eles, destacaram-se "Programa de Rastreamento" e "Segurança do Paciente". A pesquisa focou em textos publicados nos dez anos anteriores (2014-2024). Foram identificados 90 estudos e após uma análise, seis artigos foram escolhidos por sua pertinência ao tema, enquanto os outros 84 foram descartados por não estarem de acordo com o estudo.

Resultados e discussão: Segundo Martins e Ribeiro (2017) acompanhar cada etapa do processamento de materiais na Central de Material e Esterilização (CME) é crucial para proteger os pacientes. Esse acompanhamento possibilita verificar todo o percurso dos

Produtos para Saúde (PPS), desde a higienização até a esterilização, armazenamento e entrega, confirmando que o material está pronto para ser usado com segurança e aderir ao uso de sistemas automáticos para o acompanhamento melhora o controle, diminui a porcentagem de erros humanos e garante que, se algo der errado, é mais viável para descobrir a falha no processo. Além de aumentar a segurança, esse acompanhamento afeta diretamente a qualidade do atendimento e a forma como os riscos são gerenciados. Não controlar os materiais reprocessados pode colocar em risco a saúde dos pacientes, que ficam vulneráveis a infecções causadas por falhas imperceptíveis no processamento. Acrescentam Galhardo *et al.* (2022) que é fundamental que o enfermeiro e a equipe de enfermagem participem do controle desses processos, já que são os profissionais que lidam diretamente e verificam os PPS. A organização dos registros e a identificação correta dos itens também ajudam a garantir que o acompanhamento seja eficaz e que seja possível refazer o caminho do material, mesmo depois de utilizado. Nesse cenário, a segurança do paciente depende da união entre tecnologia, regras e padrões claros e treinamento constante da equipe. Sistemas de computador tornam o acompanhamento mais preciso, mas é essencial que os profissionais entendam a importância disso e sigam as práticas corretas.

Conclusão: Conclui-se que manter o rastreamento dos materiais que passam pela CME é essencial para a proteção do paciente, viabilizando o acompanhamento preciso de cada fase do preparo e a detecção ágil de problemas. Adotar sistemas automáticos aprimora a gestão da qualidade e diminui os perigos nos cuidados. Nesse cenário, o enfermeiro desempenha uma função importante, supervisionando os procedimentos, anotando os dados e assegurando o cumprimento das normas.

Referências:

- ARAUJO, G.G., DINIZ, J.S., SCHIFFER, R.B.M. Papel da enfermagem na qualidade no processamento de produtos para saúde no centro de material e esterilização visando a segurança no paciente. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 25. 2025. Brasília/DF. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e19214.2025>. Acesso em: 25 set. 2025.
- MINELLI, T.A. *et al.* Sistema de rastreabilidade automatizado na central de material e esterilização e seus impactos na humanização e segurança do paciente. **Revista Qualidade HCFMRP-USP**, 11ª Edição, 2023. Ribeirão Preto/SP. Disponível em: <https://hcrp.usp.br/revistaqualidade/uploads/Artigos/479/479.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.
- MARTINS, F. O. S., RIBEIRO, M. L. A importância da rastreabilidade do instrumental pela equipe de enfermagem do Centro Cirúrgico. **Rev. SOBECC**, São Paulo. Jan./Mar. 2017, v.22, n.1 p. 52-58. DOI: 10.5327/Z1414-4425201700010009. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/36409/30482/402278>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- VASCONCELOS, G.H. *et al.* Fatores que influenciam o processo de rastreabilidade no centro de materiais e esterilização. **Revista Enfermagem em Foco**, v. 12, n. 5, p. 929-33. 2021. Contagem/MG. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2021.v12.n5.4448>. Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2022/06/fatoresinfluenciam-processo-rastreabilidade-centro-materiais-esterilizacao.pdf>. Acesso em: 15 maio 2025.
- GALHARDO, G.F. *et al.* Enfermeiro frente à rastreabilidade automatizada do instrumental cirúrgico no Centro de Esterilização de Material. **Research Society and Development**, v.11, n.10, 2022. Rio de Janeiro/RJ DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32619>. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/362378695> Enfermeiro frente a rastreabilidade a utomatizada do instrumental cirurgico no Centro de Esterilizacao de Material. Acesso em: 25 maio 2025.

QUALIDADE E RASTREABILIDADE DE MATERIAIS ESTERILIZADOS

Isabella Gomes dos Santos¹; Vitoria Carvalho de Nogueira²; Josiane Estela de Oliveira Prado³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – isadsantos19@gmail.com

²Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
vitoria.nogueira@alunos.fibbauru.br;

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB.
josituca66@gmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Rastreabilidade de Produto, Centro Hospitalar de Esterilização e Desinfecção de Materiais, Vigilância de Produtos para a Saúde, Análise de Controle.

Introdução: A central de material e esterilização (CME) configura-se como um setor de apoio técnico-assistencial de extrema relevância no âmbito dos serviços a saúde, sendo responsável por atividades fundamentais como o recebimento, limpeza, descontaminação, inspeção, preparo, acondicionamento, esterilização, armazenamento e distribuição de produtos para saúde (PPS) (Mineli, 2019). Por lidar com materiais críticos, semicríticos e não críticos, a CME exerce papel essencial na segurança do paciente, uma vez que a qualidade dos processos executados está diretamente relacionada à prevenção de infecções e à efetividade dos procedimentos assistenciais (BRASIL, 2020). Para garantir a eficácia dos processos realizados, é imprescindível haver monitorização contínua dos processos de esterilização e desinfecção por indicadores físicos, químicos e biológicos, desta forma assegurar a integridade e a segurança dos processos (Silva *et al.*, 202). Diante da complexidade das atividades realizadas na CME, torna-se necessário um gerenciamento meticuloso. Por se tratar de um método que conecta todos os processos que foram utilizados naquele equipamento a rastreabilidade é uma barreira que pode impedir agravos aos pacientes e cabe ao enfermeiro responsável por este setor a tarefa de organizar, monitorar e conferir as conformidades dos processos, verificando a qualidade, o rastreamento dos PPS e realizando treinamentos com a equipe (Coren, 2017). A RDC nº15, de 15 de Março de 2012 estabelece que toda CME necessita de um sistema de rastreamento que seja manual ou automatizado com registros de controles e monitoramento, porém mesmo com alto custo o sistema automatizado tem mais efetividade para minimização de erros humanos. Isso permite uma inter-relação entre centro cirúrgico e CME aumentando a eficiência de identificar as cirurgias e evitando conflito de agendamento (SES/DF, 2020).

Objetivos: Compreender o processo de rastreabilidade e sua importância no manejo de produtos para a saúde no processamento organizacional da demanda hospitalar.

Relevância do Estudo: A rastreabilidade e a padronização dos processos de esterilização na CME são fundamentais para a prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde. Tais práticas contribuem para a segurança do paciente, o controle de infecções hospitalares e a garantia da cirurgia segura, sendo essenciais para a qualidade da assistência de enfermagem.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão de literatura, narrativa. A coleta de dados foi realizada em bases científicas como SciELO e Google Acadêmico. Foram selecionados artigos publicados entre 2015 e 2024, que abordassem a importância e o processo de rastreabilidade e sua eficiência.

Resultados e discussão: O uso de sistemas automatizados no processo de rastreabilidade dos materiais esterilizados traz mais controle sobre as informações de cada produto, como

origem, método de esterilização e validade, conforme destaca a agendamento (SES/DF, 2020). Isso ajuda a diminuir falhas e perda de materiais, facilita a comunicação entre os setores, o que agiliza o trabalho e evitando erros na identificação dos materiais. Com o uso da tecnologia, a equipe de enfermagem consegue gerenciar os materiais com mais eficiência, garantindo mais segurança para o paciente (Bento; Daflon; Silva, 2022). Esses resultados mostram que investir em tecnologia e treinamento dos profissionais é fundamental para garantir a qualidade e a rastreabilidade dos materiais. Embora a automatização dos processos de esterilização e rastreabilidade envolva um investimento mais alto, ela se mostra mais eficaz e segura do que os métodos manuais.

Conclusão: Neste contexto, conclui-se que o processo de rastreabilidade tem papel fundamental para o controle de qualidade, pois permite um histórico completo de todas as etapas de processamento e utilização dos mesmos, acompanhando desde sua entrada até a liberação para uso. Dessa forma entender o processo de rastreabilidade e o papel da enfermagem dentro dela é essencial para o bom funcionamento do mesmo.

Referências –

BENTO, L. C. S.; DAFLON, Y. C.; SILVA, C. R. L. Desenvolvimento de sistema de rastreabilidade automatizada de baixo custo para centro de material e esterilização. **Revista SOBECC**, v. 27, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5327/Z1414-4425202227801>. Disponível em: <https://revista.sobecc.org.br/sobecc/article/view/801/756>. Acesso em: 04 mar. 2025.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **Manual de Processamento de Produtos para Saúde: Centro de Material e Esterilização**. Brasília: ANVISA, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br>. Acesso em: 04 mar. 2025

COREN - CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO. **Parecer COREN-SP 023/2017 – Responsabilidade do enfermeiro na rastreabilidade e controle de processos**. São Paulo: COREN-SP, 2017. Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

MINELI, C. C. **Central de Material e Esterilização: fundamentos para o processamento de produtos para saúde**. São Paulo: Yendis Editora, 2019.

SES/DF – SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL. **Manual de processamento de produtos para saúde**. Brasília, DF: SES-DF, 2020. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/documents/37101/87400/Manual+de+Processamento+de+Produtos+para+Sa%C3%BAde.pdf/5546c52c-7faa-cc51-27f5-82a415e49189?t=1648646286792>. Acesso em: 24 maio 2025.

SILVA, T. F. *et al.* Implementação de processo de identificação e rastreio do material processado em um centro de material e esterilização. **Health Residencies Journal**, 2022, v. 3, n. 14. DOI: <https://doi.org/10.51723/hrj.v3i14.365>. Disponível em: <https://hrj.emnuvens.com.br/hrj/article/view/365/290>. Acesso em: 04 mar. 2025.

COMPARAÇÃO ENTRE MÉTODOS DE ESTERILIZAÇÃO (ÓXIDO DE ETILENO, VAPOR SATURADO E VAPOR POR PERÓXIDO DE HIDROGÊNIO)

Débora Cristina da Silva¹; Carla Gaspari Vanni²; Josiane Estela de Oliveira Prado³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – deborallima00@gmail.com;

²Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – carla_vanni@hotmail.com;

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB.

josituca66@gmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Centro de Material e Esterilização, Programa de Controle de Infecção Hospitalar, Óxido de Etileno, Saúde do Indivíduo.

Introdução: O Centro de Materiais e Esterilização (CME) tem como objetivo prevenir as infecções relacionadas a saúde, com isso, ele é responsável pela limpeza, preparo, esterilização e distribuição de todos os materiais envolvidos em procedimentos críticos e semicríticos do paciente (Alvim; Souza, 2018). A esterilização é um processo indispensável na CME, visto que, tem o objetivo de eliminar os microrganismos dos produtos para saúde, incluindo os esporos bacterianos e conseqüentemente prevenindo infecções e garantindo a segurança do paciente (Sales, 2025).

Objetivos: Demonstrar os métodos que existem para esterilização de materiais envolvidos em procedimentos críticos do paciente.

Relevância do Estudo: Conhecer os diferentes métodos de esterilização, suas indicações, limitações e impactos na segurança do paciente e na saúde dos profissionais, reforçando a escolha criteriosa do método a ser usado para que se elimine toda carga microbiana dos produtos para saúde sem danificá-los.

Materiais e métodos: Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, desenvolvida com artigos científicos e livro. Foram pesquisados nas bases de dados eletrônicas, utilizando os descritores: Esterilização, Centro de Material e Esterilização, Óxido de Etileno, Peróxido de Hidrogênio.

Resultados e discussão: Atualmente, há inúmeros métodos de esterilização usados em produtos para saúde. Dentre eles, tem-se a esterilização pelo óxido de etileno, um gás incolor, inflamável, explosivo e tóxico, podendo causar câncer, anomalias do sistema reprodutor, doenças respiratórias e neurológicas em pacientes e nos profissionais que entram em contato com esse produto (Sobecc, 2017). Entretanto, sendo misturado com gases inertes, o gás torna-se não-inflamável e não-explosivo. A esterilização eficiente irá depender do contato direto desse gás com todas as superfícies do material (Andrade Júnior *et al.*, 2019). Tem como vantagem a alta penetrabilidade e compatibilidade com diversos produtos para a saúde (Sobecc, 2017). Contudo, a afinidade maior é com materiais termossensíveis (Andrade Júnior *et al.*, 2019). Outro método usado para esterilização dos produtos é o uso do vapor saturado sob pressão (autoclave), metodologia usada para materiais termorresistentes, ou seja, os esporos dos microrganismos são destruídos através do calor excessivo que ocorre pela condensação do vapor nas superfícies (Laranjeira *et al.*, 2017). Com isso, a temperatura utilizada durante esse processo varia entre 121°C e 134°C. O vapor saturado é gerado a partir do aquecimento da água até sua temperatura de ebulição em seguida este vapor é encaminhado para a autoclave e assim ocorrer a esterilização dos produtos (Sales, 2025). Apesar de ser considerado um dos melhores métodos de esterilização para produtos termorresistentes, há certo impacto negativo durante esse processo, dentre eles, o uso

abundante e os níveis de contaminantes que passam a existir na água após a esterilização (Laranjeira *et al.*, 2017). Outra técnica de esterilização é por vapor de peróxido de hidrogênio, um sistema com ação a vácuo. O equipamento trabalha com temperaturas de 35 e 49°C (Sobecc, 2017). Esse método é moderno, eficaz e vem sendo utilizado em grande escala em Centrais de Materiais e Esterilização (CME) em função da baixa toxicidade, substituindo métodos mais tóxicos (Sales, 2025). Entretanto, diferente do ETO, sua difusibilidade é menor, por isso, os materiais com lumens de fundo cego, longos e estreitos devem ser monitorados com mais atenção (Sobecc, 2017).

Conclusão: Os diferentes métodos de esterilização discutidos, oferecem soluções eficazes para garantir a destruição de microrganismos patogênicos. Cada técnica tem suas vantagens específicas, sendo escolhida conforme as características dos materiais a serem esterilizados e as necessidades do procedimento. A aplicação adequada desses métodos, com o devido conhecimento técnico por parte dos profissionais responsáveis, é crucial para reduzir as taxas de infecção e promover a segurança do paciente.

Referências

ALVIM, A.L.; SOUZA, K.F. Causas de Retrabalho de Produtos Para Saúde no Centro De Materiais e Esterilização. **Rev. SOBECC, São Paulo. jan./mar. 2018; v.23, ed.1, p. 3-6.** Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/04/882684/sobecc-v23n1_pt_3-6.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

ANDRADE JUNIOR, F.P. *et al.* Óxido De Etileno Como Agente Esterilizante: Características Gerais, Toxicidade E Comparação Com Outros Saneantes E Métodos De Esterilização. **Rev. PERIÓDICO TCHÊ QUÍMICA, 2019; v. 16, n. 31.** ISSN 2179-0302. DOI: 10.52571/PTQ.v16.n31.2019.181_Periodico31_pgs_175_185.pdf. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Francisco-Patricio-De-Andrade-Junior-2/publication/354165805_ETHYLENE_OXIDE_AS_A_STERILIZING_AGENT_GENERAL_CHARACTERISTICS_TOXICITY_AND_COMPARISON_WITH_OTHERS_SANEANTES_AND_STERILIZATION_METHODS/links/64b65d7395bbbe0c6e464635/ETHYLENE-OXIDE-AS-A-STERILIZING-AGENT-GENERAL-CHARACTERISTICS-TOXICITY-AND-COMPARISON-WITH-OTHERS-SANEANTES-AND-STERILIZATION-METHODS.pdf. Acesso em: 12 fev. 2025.

LARANJEIRA, P.R. *et al.* Esterilização Pelo Vapor: Aspectos Fundamentais e Recursos Técnicos Para Redução do Consumo de Água. **Rev. SOBECC, São Paulo. jan./abril. 2017; v.22, ed.2, p. 115-120.** Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/a0764b19-4333-483f-816c-bd7f746876a7/GRAZIANO%2C%20K%20U%20doc%20105e.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SALES, O.A. **Avaliação da Influência da Concentração de Peróxido de Hidrogênio em Ciclos de Esterilização De Baixa Temperatura.** 2025. 67 f. Graduação em Engenharia Química –Universidade Tecnológica Federal Do Paraná, Londrina, PR, 2025. Disponível em: <https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/36241/1/esterilizaobaixatemperatura.pdf>. Acesso em: 25 abril. 2025.

SOBECC – Associação Brasileira de Enfermeiros do Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização. **Diretrizes de práticas de enfermagem cirúrgica e processamento de produtos para a saúde.** 7. ed. rev. Barueri: Manole, 2017.

O IMPACTO DO CÂNCER DE MAMA NA GESTAÇÃO: FRENTE AO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

Dhenifer StéfanyTassa de Lima¹; Lidia Regina Costalino Cabello²; Vanessa Malacrida de Morais³

¹Aluna de enfermagem- Faculdades Integradas de Bauru – FIB; Dhennyfertassa18@gmail.com

²Professora do curso de enfermagem- Faculdades integradas de Bauru- FIB;
lidiareginacabello@hotmail.com

³Professora do curso de enfermagem- Faculdades integradas de Bauru- FIB;
vani.malacrida@gmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Câncer de mama; Diagnóstico Clínico; Gravidez; Neoplasia.

Introdução: O câncer de mama durante a gestação ainda representa ser um desafio para as gestantes, familiares e os profissionais envolvidos. A descoberta gera ansiedade e preocupações diante do diagnóstico, já que os sinais clínicos da doença podem ser confundidos com as alterações fisiológicas da gravidez. Portanto, realizar uma abordagem cuidadosa e personalizada torna-se essencial para o tratamento eficaz e promove segurança contribuindo para o bem-estar da mãe e do feto (Monteiro *et al.*, 2019; Mayanet *et al.*, 2019). O tratamento mais indicado é a mastectomia, a quimioterapia deve ser indicada a partir do segundo trimestre de gestação (Carvalho *et al.*, 2024).

Objetivos: Compreender os impactos gerados durante a descoberta e diagnóstico do CA de mama na gestação e suas principais estratégias de tratamento.

Relevância do Estudo: A descoberta do CA de mama durante a gestação pode gerar vulnerabilidade emocional desconstruindo o sonho de uma gravidez idealizada e feliz. Nesse contexto, é essencial adotar condutas que ofereçam acolhimento, assistência por meio de uma equipe multiprofissional, buscando minimizar os impactos negativos da doença.

Materiais e métodos: Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de formato narrativo onde foram realizadas as consultas nas bases de dados eletrônicas: Eletronic Library Online (Scielo), Medline e BDTD). Foram incluídos trabalhos/artigos nos quais atenderam aos critérios de inclusão (última década, pertinência temática e relevância científica). Porém apenas um artigo de 2014 foi utilizado para compor esse trabalho devido a relevância do conteúdo.

Resultados e discussões: De acordo com Figueiredo *et al.* (2025) realizaram uma pesquisa no período entre 2006 a 2009, onde os resultados obtidos apontaram uma expressiva porcentagem de mulheres com CA de mama com diagnóstico tardio de (47,6%), esses dados evidenciam a necessidade de conscientizar e reforçar entre as gestantes, os principais sinais e sintomas da doença, visto que a falta de conhecimento pode levar ao diagnóstico tardio e atrasos no tratamento. De acordo com Carvalho *et al.* (2024) e Oncoguia (2021) os tratamentos disponíveis durante a gestação incluem radioterapia que é indicada após o parto, a quimioterapia sendo sua aplicação mais adequada a partir do terceiro trimestre e a (mastectomia) sendo a opção mais recomendada durante a gestação. Capelozza *et al.* (2014) destacam que as gestantes com câncer enfrentam intensos desafios emocionais quando se deparam com a realidade da doença no período gestacional, o sentimento é de ambivalência como medo e alegria, que por sua vez geram dúvidas, angústia e incertezas.

Conclusão: O câncer é considerado um fator de impacto quando diagnosticado durante a gestação. O cuidado intensificado com as gestantes ajuda no processo do diagnóstico e tratamento. Portanto, é essencial o monitoramento da doença, prevenindo possíveis

complicações com o intuito de garantir uma melhor sobrevivência tanto para a mãe quanto para o bebê.

Referências:

CAPELOZZA, M. L. S. S. *et al.* A dinâmica emocional de mulheres com câncer e grávidas. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, v. 34, n. 86, p. 151-170. 2014. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v34n86/a11.pdf> Acesso em: 12 set. 2025

CARVALHO, M. I. C. P. *et al.* Câncer de Mama na Gravidez e quimioterapia: revisão sistemática. **Archives of Health**, Curitiba. v. 5, n. 3, p. 01-06. 2024. Disponível em: <https://ojs.latinamericanpublicacoes.com.br/ojs/index.php/ah/article/view/1867/1617> Acesso em: 29 jul. 2025.

FIGUEIREDO, L. C. *et al.* Fatores associados ao atraso no início do tratamento do câncer de mama no norte de Minas Gerais. **Cad Saúde Colet**, v. 33, n. 1, p. 3301-0155. 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/4BSYSqjWg3MbGC5ZL33ZWXG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2025.

INSTITUTO ONCOGUIA. **Tratamento do câncer de mama durante a gravidez**. Publicada em 27 out. 2021. Disponível em: <https://www.oncoquia.org.br/conteudo/tratamento-do-cancer-de-mama-durante-a-gravidez/2234/265/> Acesso em: 12 ago. 2025.

MAYAN, S. M. G. *et al.* Câncer gestacional- importância do conhecimento e aprimoramento da equipe de enfermagem. **CuidArte, Enferm.** v.13, n. 2, p. 165-175. 2019. Disponível em: <https://www.webfipa.net/facfipa/ner/sumarios/cuidarte/2019v2/165.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2025

MONTEIRO, D. L. M. *et al.* Fatores associados ao câncer de mama gestacional: estudo caso-controle. **Ciencias& saúde coletiva**.v. 24, n. 6, p. 2361-2369. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9gmnNDs8mhXPkYRNjz7ymVs/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 16 mar. 2025.

HIPERTENSÃO PULMONAR E USO DE ÓXIDO NÍTRICO EM UNIDADES TERAPIA INTENSIVAS NEONATAIS – PAPEL DO ENFERMEIRO

Yasmin da Silva Andrade¹; Adriana Aparecida Baraldi Gaion²; Andreia Caron³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB andrade-yas@hotmail.com

^{2;3} Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
adrianabaraldig@gmail.com ; andreiacaron@hotmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Hipertensão Pulmonar, Neonatologia, Cuidados de Enfermagem, Óxido Nítrico, Vasodilatadores.

Introdução: A hipertensão pulmonar persistente do recém-nascido (HPPN) é uma das principais causas de morbimortalidade neonatal. Caracteriza-se pela manutenção da resistência vascular pulmonar elevada, pressão aumentada na artéria pulmonar, shunt direita-esquerda através do canal arterial e/ou forame oval e hipoxemia grave (Lopes et al., 1996). A HPPN ocorre quando o recém-nascido mantém o padrão circulatório fetal após o nascimento, o que compromete a oxigenação sistêmica e pode levar a complicações graves. No período intrauterino, a circulação pulmonar apresenta alta resistência e baixo fluxo sanguíneo, sendo compensada por estruturas como o ducto venoso, o forame oval e o canal arterial, que desviam o sangue para garantir a oxigenação pela placenta (Rocha et al., 2022). Quando essa transição não ocorre adequadamente, instala-se a Hipertensão Pulmonar Persistente Neonatal (HPPN), caracterizada pelo shunt direita-esquerda através das comunicações fetais, prejudicando a oxigenação, nesse cenário o uso do óxido nítrico (iNO) sendo um potente vasodilatador e relaxante muscular, atua diretamente na redução da pressão arterial favorecendo a oxigenação fetal Figueiredo; et al (2022).

Objetivos: Analisar o papel do enfermeiro no manejo da HPPN em Unidades de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), com ênfase na monitorização, administração segura do óxido nítrico inalatório (iNO) e cuidados humanizados.

Relevância do Estudo: O estudo justifica-se pela gravidade da HPPN e pela importância do iNO como recurso terapêutico nas UTIN e pela ausência de protocolos sobre a instalação e manutenção do uso do óxido nítrico inalatório (iNO).

Materiais e métodos: Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica tipo narrativa, que teve como objetivo reunir, analisar e sintetizar os achados científicos disponíveis sobre o uso do óxido nítrico inalatório (iNO) no tratamento da Hipertensão Pulmonar Persistente Neonatal (HPPN).

Resultados e discussão: O papel do enfermeiro na unidade de terapia intensiva vai além da execução de procedimentos técnicos, consolidando-se como eixo central entre a tecnologia disponível e o cuidado humanizado Therriault (2025) enfatiza que, no contexto da terapia com óxido nítrico, o enfermeiro deve assumir protagonismo na monitoração clínica contínua avaliando parâmetros críticos e garantindo a segurança da administração. No protocolo da Comissão Permanente de Protocolos de Atenção à Saúde da SES-DF, a monitorização contínua é considerada essencial, incluindo aferição da pressão arterial, oximetria de pulso, gasometria arterial, avaliação de meta-hemoglobina em casos de uso de óxido nítrico inalatório, ecocardiografia seriada e vigilância para possíveis hemorragias (Brasil, 2019). De forma simplificada, pode-se dizer que, na HPPN o organismo do recém-nascido ainda “acredita” estar no ambiente intrauterino. O coração e os vasos sanguíneos mantêm o padrão de funcionamento fetal, o que compromete a oxigenação sistêmica e pode levar rapidamente a

complicações graves. Nessa condição, ocorre um desvio da circulação da direita para a esquerda, resultando em hipoxemia acentuada, mesmo quando a ventilação está adequada. Segundo Silva, Soriano e Calixto (2023) a Hipertensão Pulmonar Persistente do Recém-nascido (HPPN) manifesta-se principalmente por cianose central persistente, que não melhora mesmo com a administração de oxigênio suplementar, estando geralmente associada à taquipneia, desconforto respiratório em casos graves, à insuficiência cardíaca e ao choque.

Conclusão: A HPPN permanece como desafio clínico relevante, exigindo intervenções rápidas. O iNO mostrou-se terapêutica eficaz e segura, e o enfermeiro desempenha papel central no manejo, assegurando monitorização contínua, administração correta das terapias e qualidade do cuidado. O investimento em capacitação permanente e na atualização dos protocolos institucionais torna-se indispensável para garantir a qualidade da assistência. Além disso, a ampliação de estudos sobre o tema poderá oferecer subsídios para a criação de diretrizes mais padronizadas, contribuindo para reduzir desigualdades na prática clínica entre diferentes serviços de saúde.

Referências –

BRASIL - Governo do Distrito Federal. **Secretaria de Estado de Saúde**. subsecretaria de atenção integral à saúde comissão permanente de protocolos de atenção à saúde. Protocolo para Tratamento de Hipertensão Pulmonar Persistente Neonatal 2019. Disponível em : <https://www.saude.df.gov.br/documents/37101/87400/Protocolo+para+Tratamento+de+Hipertens%C3%A3o+Pulmonar+Persistente+Neonatal.pdf/0d9786d1-9f02-06f0-54e5-adaa811ebec5?t=1648647592614> Acesso em: 02 abr.2025.

FIGUEIREDO, B.L. et al. Hipertensão pulmonar persistente neonatal: recentes avanços na fisiopatologia e tratamento. **Jornal de Pediatria**, v. 1, pág. S52-S63, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/zMbxMGmPJmxxTVVPjD8ZjPr/?lang=pt> Acesso em: 10 fev. 2025.

LOPES, J. et al. Óxido nítrico no tratamento da hipertensão pulmonar persistente do recém-nascido. **Research Gate** <https://www.researchgate.net>, 1996 Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jose-Lopes-39/publication/8947817_Nitric_oxy_in_the_treatment_of_neonatal_pulmonary_hypertension/links/5c8fa6d645851564fae6375f/Nitric-oxy-in-the-treatment-of-neonatal-pulmonary-hypertension.pdf .Acesso em 10 fev. 2025.

ROCHA, et al. As atualizações científicas sobre a hipertensão pulmonar persistente no recém-nascido. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 5, n. 3, p. 8237-8258, maio/jun. 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/47421> . Acesso em: 02 abr. 2025.

SILVA, C. S.; SORIANO, A. L. F.; CALIXTO, A. F. Perfil clínico de recém-nascidos com hipertensão pulmonar persistente neonatal que necessitam de óxido nítrico. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 3, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/844> . Acesso em: 20 fev. 2025.

THERRIAULT, P.-A. Depoimento em: RT Magazine. **Innovations in inhaled nitric oxide delivery**. 14 abr. 2025. Disponível em: <https://respiratory-therapy.com/disorders-diseases/cardiopulmonary-thoracic/pulmonary-hypertension/innovations-inhaled-nitric-oxide-delivery/> . Acesso em: 29 ago. 2025.

OS BENEFÍCIOS DA AMAMENTAÇÃO PARA A MÃE E PARA A CRIANÇA

Letícia Ferreira Basto¹; Adriana Aparecida Baraldi Gaion²; Ana Kelly Kapp Poli Schneider³;

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB leticiaabastoieq@gmail.com ;

² Professora de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – adrianabaraldig@gmail.com ;

³Professoras de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anakellypoli@yahoo.com.br .

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: amamentação; saúde materno-infantil; bancos de leite humano; políticas públicas.

Introdução: O aleitamento materno é um processo biológico e social capaz de garantir nutrição adequada e proteção imunológica ao recém-nascido, além de trazer benefícios comprovados para a saúde materna (Victoria *et al.*, 2016). O leite humano contém nutrientes, anticorpos e fatores bioativos que fortalecem o sistema imunológico, prevenindo infecções gastrointestinais e respiratórias, bem como doenças crônicas a longo prazo, para a mãe, a prática auxilia na contração uterina, favorece o retorno ao peso pré-gestacional e reduz o risco de câncer de mama e ovário (World Cancer Research Fund, 2018). Apesar de amplamente recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o aleitamento exclusivo até os seis meses enfrenta barreiras culturais, sociais e estruturais, como pega inadequada, fissuras mamilares, dor e retorno precoce ao trabalho (Oliveira *et al.*, 2015).

Objetivos: Identificar os principais benefícios da amamentação para mãe e bebê, discutir as barreiras para sua manutenção e destacar estratégias de promoção e apoio ao aleitamento.

Relevância do Estudo: A amamentação é reconhecida como a intervenção de maior impacto para reduzir a mortalidade infantil e melhorar indicadores de saúde pública. No Brasil, os Bancos de Leite Humano desempenham papel central na segurança alimentar de recém-nascidos prematuros ou de bebês que não podem ser amamentados diretamente, contribuindo para a redução da morbimortalidade. Compreender os benefícios e os entraves ao aleitamento materno é essencial para subsidiar políticas públicas eficazes de incentivo e proteção, fortalecendo as ações do Sistema Único de Saúde (SUS).

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, realizada entre fevereiro e junho de 2025, nas bases SciELO, LILACS e Google Acadêmico. Foram incluídos artigos publicados entre 2015 e 2024, em português e inglês, que abordassem benefícios do aleitamento, desafios e políticas públicas. A busca utilizou os descritores “aleitamento materno”, “saúde da mulher” e “bancos de leite humano”, resultando em 18 artigos; 4 atenderam aos critérios de inclusão.

Resultados e discussões: Os estudos analisados reforçam que o leite materno é completo do ponto de vista nutricional e imunológico. Crianças amamentadas apresentam menor incidência de diarreia, infecções respiratórias, obesidade e diabetes tipo I. Além disso, o desenvolvimento cognitivo também é favorecido, refletindo em melhores índices de desempenho escolar. Para as mães, o aleitamento prolongado está associado à redução do risco de câncer de mama, ovário e doenças cardiovasculares (Victoria *et al.*, 2016; Enani, 2021). Entretanto, fatores como a falta de apoio familiar, o retorno precoce ao trabalho e a intensa publicidade de fórmulas infantis dificultam a manutenção da prática (Oliveira *et al.*, 2015).

Políticas públicas, como a Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil, a ampliação da licença-maternidade para 180 dias e a rede de Bancos de Leite Humano, têm se mostrado fundamentais para aumentar as taxas de aleitamento materno exclusivo (Pereira *et al.*, 2021).

Conclusão: A amamentação é um fator determinante para a saúde materno-infantil, oferecendo benefícios imunológicos, nutricionais e emocionais. Apesar de amplamente recomendada, enfrenta barreiras que exigem apoio profissional, fortalecimento de políticas públicas e ampliação de estratégias de educação em saúde. O investimento em programas de incentivo e na rede de Bancos de Leite Humano é essencial para consolidar o aleitamento como prática universal e sustentável.

Referências:

ENANI-2024. Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil: principais resultados. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2021. Disponível em: <https://enani.nutricao.ufrj.br/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

OLIVEIRA, C. S. *et al.* Amamentação e as intercorrências que contribuem para o desmame precoce. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. 3, p. 16-23, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.03.49697>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/kw7FWqzJcxQw7DxKHb5qZ4D/?lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2025.

PEREIRA, G.; *et al.* Reflexos da amamentação na saúde bucal de bebês e na realidade maternal: revisão narrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. 2–8, 2021. doi:10.33448/rsd-v10i14.21988. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i14.21988>. Acesso em: 10 abr. 2025.

VICTORA, C. G.; *et al.* Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effects. *The Lancet*, v. 387, n. 10017, p. 475–490, 2016. doi:10.1016/S0140-6736(15)01024-7. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(15\)01024-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(15)01024-7). Acesso em: 26 jul. 2025.

WORLD CANCER RESEARCH FUND; AMERICAN INSTITUTE FOR CANCER RESEARCH. Diet, nutrition, physical activity and breast cancer. Continuous Update Project Expert Report 2018. Londres: WCRF International, 2018. Disponível em: <https://www.wcrf.org/wp-content/uploads/2021/02/breast-cancer-report-2018.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2025.

DESAFIOS E SABERES DAS PUÉRPERAS SOBRE AMAMENTAÇÃO

Bianca Rodrigues Anaia¹; Ana Kelly Kapp Poli Schneider²; Adriana Aparecida Baraldi Gaion³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – biancarodriguesanaia@gmail.com;

²Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
anakellypoli@yahoo.com.br;

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
adrianabaraldig@gmail.com.

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Amamentação, Aleitamento materno, Enfermagem, Leite humano, Saúde materno-infantil.

Introdução: Embora grande parte das mulheres inicie o processo de amamentação, mais da metade das crianças deixam de receber o aleitamento materno exclusivo ainda no primeiro mês de vida. Apesar do avanço na promoção da amamentação no país, os índices ainda estão aquém da recomendação estabelecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que orienta a manutenção do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade e sua continuidade, de forma complementar, até o segundo ano de vida ou por período prolongado (Almeida; Luz; Ued, 2015). Uma pesquisa feita em São Mateus (ES), visando analisar o conhecimento de 323 puérperas acerca da amamentação, concluiu que a maioria das mulheres avaliadas, mesmo 318 tendo feito acompanhamento pré-natal, tinham conhecimento escasso sobre o processo de aleitar. Além disso, 206 mães não tiveram orientações durante o pré-natal sobre aleitamento, 287 delas não sabiam que poderia haver complicações decorrentes da amamentação e 212 não sabiam como realizar o preparo da mama (Visintin *et al*, 2015).

Objetivos: Compreender o entendimento das puérperas acerca do aleitamento materno, cuidados com a mama e identificar possíveis fatores que possam dificultar a amamentação e façam com que elas terminem precocemente.

Relevância do Estudo: Diante de todos os aspectos abordados, a presente pesquisa busca enfatizar a importância do trato humanizado e especializado no cuidado às mães, promovendo a confiança e o suporte necessário para que elas possam superar as dificuldades e manter o aleitamento materno exclusivo pelo maior tempo possível.

Materiais e métodos: Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa. A coleta de dados aconteceu nas bases de dados SciELO, PubMed, Google Acadêmico, Acervos acadêmicos e sites oficiais, considerando publicações entre 2015 a 2025.

Resultados e discussões: Guarienti e Ricardo (2022) explanam em sua matéria a dificuldade das mães ao realizar o aleitamento materno. As mulheres relataram que se sentiram pressionadas e exaustas com o processo de aleitar, pois tinham muita dificuldade com a pega. Em dado momento, o processo se tornou tão doloroso por conta das fissuras nos mamilos, que uma das lactantes entrevistadas disse que segurava para não gritar durante o aleitamento. O autor mostra que na maioria dos casos as mulheres foram incentivadas a abandonar o aleitamento e recorrer às fórmulas e que só tiveram estas dificuldades por não terem acesso a orientações necessárias com os profissionais de saúde durante o pré-natal. Por isso, Almeida; Luiz e Ued (2015) e Visintin *et al*. (2015) ressaltam a importância de profissionais capacitados para que possam trazer um melhor suporte e preparo para a gestante durante e após a gestação, incentivando a amamentação, uma vez que o conhecimento adquirido pela mulher nesse tempo influencia diretamente no seu interesse em

seguir com o aleitamento pelo maior tempo possível, em conformidade com o Decreto N° 9.579, de 22 de novembro de 2018, Art. 22 “Os profissionais de saúde deverão estimular e divulgar a prática do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade e continuado até os dois anos de idade ou mais” (Brasil b, 2018). A licença maternidade também é um problema que impacta na continuidade e não passou despercebido pela FIOCRUZ (2020) que alega que 60% das crianças brasileiras permanecem com o aleitamento materno exclusivo até os quatro meses, caindo para 45% após esse período, pois é quando se encerra a licença maternidade. Gabriel et al. (2021) traz, além deste problema, a questão das mães autônomas que não têm a possibilidade de se afastarem do serviço por, nem mesmo, quatro meses, dificultando ainda mais a oferta do leite materno.

Conclusão: A amamentação deve ser compreendida não apenas como um ato biológico, mas como uma prática social, cultural e de saúde pública. O fortalecimento das ações de promoção, incentivo e apoio à amamentação depende da capacitação contínua dos profissionais de saúde, da ampliação das redes de suporte às puérperas e do combate ativo aos mitos e barreiras que dificultam a continuidade do aleitamento. Dessa forma, será possível alcançar avanços significativos na redução da mortalidade infantil e na melhoria da qualidade de vida de mães e crianças, em consonância com os compromissos nacionais e globais de saúde.

Referências

ALMEIDA, J. M., LUZ, S. A. B., UED, F. V. Support of breastfeeding by health professionals: integrative review of the literature. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 33 n.3, 2015. DOI: 10.1016/j.rpped.2014.10.002. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4620964/pdf/0103-0582-rpp-33-03-0355.pdf>.

Acesso em: 07 mar. 2025.

BRASIL b. Decreto n° 9.579, de 22 de novembro de 2018. Dispõem sobre a temática do lactente, da criança e do adolescente e do aprendiz, e sobre o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, o Fundo Nacional para a Criança e o Adolescente e os programas federais da criança e do adolescente, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 2018, n. 225, p. 49, 23 nov. 2018. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-9-579-de-22-de-novembro-de-2018-51525297>.

Acesso em: 07 set. 2025.

GABRIEL A. C. *et al.* Retorno ao trabalho e desmame precoce: uma revisão de literatura. **Revista Terra e Cultura: Caderno de Ensino e Pesquisa**, v. 37, n. especial, 2021. ISSN 2596-2809. Disponível em:

<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/2355/1764>. Acesso em: 12 set. 2025.

GUARIENTI, B., RICARDO, I. Falta de orientação gera dificuldades no aleitamento materno. **Periódico UEPG redação de mídia integrada**, Ponta Grossa, 19 ago. 2022. Disponível em:

<https://periodico.sites.uepg.br/index.php/saude/2787-falta-de-orientacao-gera-dificuldades-no-aleitamento-materno>. Acesso em: 20 mar. 2025.

VISINTIN, A. B. *et al.* Avaliação do Conhecimento de Puérperas Acerca da Amamentação. **Enfermagem em Foco**, Espírito Santo, v. 6, 2015. DOI: 10.21675/2357-707X.2015.v6.n1/4.570. Disponível em:

<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/570/252>. Acesso em: 12 mar. 2025.

MORTALIDADE MATERNA E VIA DE PARTO: UM DESAFIO PARA SAÚDE PÚBLICA MUNDIAL

Nathália Cristina Martins¹; Ana Kelly Kapp Poli Schneider²; Flavia Cristina Pertinhes Franco³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – nathaliabauru27@gmail.com

²Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anakellypoli@yahoo.com.br

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - flavia.franco@fibbauru.br.

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Gravidez, Resultados Adversos do Nascimento, Hemorragia Pós-Parto, Puerpério, Mortalidade Materna.

Introdução: A gestação é um processo natural que envolve intensas transformações físicas, emocionais e sociais, exigindo da mulher adaptações que influenciam sua rotina, corpo e relações interpessoais. Esses aspectos tornam-se ainda mais complexos diante de intercorrências e patologias, que aumentam os riscos à saúde materna e fetal, exigindo acompanhamento especializado (Ramalho *et al.*, 2023). Apesar dos avanços na assistência à saúde, a mortalidade materna permanece um desafio global e reflete desigualdades no acesso e na qualidade do cuidado. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), uma mulher morre a cada dois minutos no mundo por causas relacionadas à gestação ou ao parto, o que reforça a urgência de estratégias eficazes que garantam uma assistência segura, humanizada e equitativa durante todo o ciclo gravídico-puerperal.

Objetivos: Analisar os índices mais recentes de mortalidade materna no mundo no Brasil e no estado de São Paulo, identificando os principais fatores de risco, a influência da via de parto e as estratégias de prevenção apresentadas no estudo, como o fortalecimento do pré-natal, a humanização da assistência ao parto e a capacitação dos profissionais de saúde.

Relevância do Estudo: A mortalidade materna, em grande parte evitável, compromete a saúde da mulher, além de representar um grande problema social. A escolha adequada da via de parto e o fortalecimento do pré-natal são fundamentais para reduzir os índices e garantir uma assistência mais segura e humanizada. Este tema é de grande relevância por refletir não apenas as condições clínicas das gestantes, mas também as desigualdades regionais e falhas na assistência obstétrica, que impactam diretamente a saúde pública.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, realizada entre março e setembro com levantamento de artigos entre 2015 a 2025, em português e inglês. A pesquisa deu-se a partir dos periódicos disponíveis nas bases de dados como SCIELO, BVS, OPAS e documentos oficiais do Ministério da Saúde e da OMS.

Resultados e discussões: A mortalidade materna permanece um desafio global. Segundo a OMS (2023), em 2020, a razão de mortalidade materna mundial foi de 223 mortes por 100 mil nascidos vivos, o que significa que aproximadamente uma mulher morre a cada dois minutos devido a complicações relacionadas à gestação ou ao parto, totalizando cerca de 287 mil óbitos por ano. Barbosa *et al.* (2024) mostram que a pré-eclâmpsia e a eclâmpsia estão entre as principais causas de internação em UTI obstétrica, podendo responder por até 25% das mortes maternas no mundo, os fatores de risco também merecem atenção, associando a hipertensão gestacional a condições clínicas como obesidade, diabetes e doenças renais pré-existentes. Embora o quadro seja alarmante, estudos apontam que a maioria dessas mortes poderiam ser evitadas. Dupim *et al.* (2025) defendem que mais de 90% dos óbitos

relacionados às SHG poderiam ser prevenidos com diagnósticos precoces, protocolos bem estabelecidos e acompanhamento multiprofissional. A falta de acesso ao pré-natal e a infraestrutura hospitalar precária são falhas críticas no cuidado à gestante. Ramalho *et al.* (2023) e Botelho *et al.* (2022) destacam a importância da humanização e capacitação dos profissionais de saúde, mostrando que grande parte da mortalidade materna poderia ser evitada com políticas públicas mais eficazes e acesso a cuidados obstétricos seguros.

Conclusão: Os estudos revisados mostram que aprimorar a qualidade do pré-natal e da assistência obstétrica, juntamente com a capacitação de profissionais de saúde e a implementação de políticas públicas eficazes, é fundamental para reduzir a mortalidade materna. Assim, atingir as metas globais e garantir um cuidado seguro e humanizado depende de ações integradas que priorizem a prevenção e o atendimento qualificado às gestantes, reforçando o compromisso da sociedade para que cada gestação seja vivida com segurança, dignidade e respeito.

Referências

BARBOSA, J. N. O. *et al.* Doença hipertensiva gestacional e cardiopatas na gestação em uma maternidade pública nível terciário: uma análise temporal. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 8, e7213844138, 2024. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/44138>. Acesso em: 15 out. 2025.

BOTELHO, L. G. *et al.* Atualizações sobre os distúrbios e as complicações do período pós-parto. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 5, n. 6, p. 21963-21979, nov./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv5n6-011>. Acesso em: 15 set. 2025.

DUPIM, M. I. C. N. *et al.* Intercorrências hipertensivas na gestação como principal causa de morte materna no Brasil: análise de estratégias preventivas. **Editora Cognitus**, Teresina, n.24, 2025. Disponível em: <https://editoracognitus.com.br/captulo/10171-intercorrencias-hipertensivas-na-gestacao-como-principal-caoa-de-morte-materna-no-brasil-analise-de-estrategias-preventivas>. Acesso em: 13 set. 2025.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório sobre Mortalidade Materna Global**. Genebra: OMS, 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-materna>. Acesso em: 04 abr. 2025.

RAMALHO, G. C. *et al.* Experiências e sentimentos vivenciados pelas mulheres na gestação. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 6, n. 2, e31100, 2023. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/referencia/article/view/31100>. Acesso em: 16 out. 2025.

PRÉ-ECLAMPسيا NO RESULTADO GESTACIONAL: CONSEQUENCIAS PARA MÃE

Maria Heloisa Borseti Rodrigues Pereira¹ Kelly Garcia² Evany Gomes Tavares Paes³ Carolina Tarcinalli Souza⁴

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – borsetimaria9@gmail.com

²Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – kellygarciafelix@gmail.com

³Aluno de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – evanygomes.eg20@gmail.com

⁴Professora de fisioterapia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB caroltar@gamil.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Gestação; Complicação; Hipertensão Arterial; Fatores de Risco; Distúrbios hipertensivos; eclâmpsia

Introdução: A pré-eclâmpsia (PE) é uma síndrome hipertensiva específica da gestação, caracterizada por hipertensão arterial associada a sinais de comprometimento sistêmico, como proteinúria, disfunção hepática, renal ou hematológica, e geralmente manifesta-se após a 20ª semana de gestação (Sales Neto *et al.*, 2024). Trata-se de uma condição multissistêmica complexa, cuja etiologia ainda não está totalmente elucidada, mas que envolve fatores genéticos, imunológicos, endoteliais e placentários (Brasil *et al.*, 2024). Acredita-se que alterações na invasão trofoblástica e na remodelação vascular da placenta resultam em hipóxia tecidual e na liberação de substâncias vasoativas e pró-inflamatórias na circulação materna, desencadeando as manifestações clínicas da doença (Coutinho *et al.*, 2023).

Objetivos: Realizar um levantamento literário sobre o resultado da pré-eclâmpsia gestacional.

Relevância do Estudo: Estudos que buscam analisar e revisar a pré-eclâmpsia para que possamos entender mais sobre como acontece e o porquê acontece, e assim ressaltar os riscos da pré-eclâmpsia para a mãe.

Materiais e métodos: Tratou-se de uma revisão bibliográfica narrativa-descritiva. A pesquisa deu-se a partir dos periódicos disponíveis nas Bases de Dados PubMed e na ferramenta Google Acadêmico realizado nos últimos dez anos. Foram incluídos artigos disponíveis gratuitamente e com textos na íntegra, publicados nos últimos dez anos no idioma português. Foram utilizados os descritores “pré-eclâmpsia”, “complicações na gestação” e “saúde materna”, sendo obtido cinco publicações que compuseram o referencial teórico proposto.

Resultados e discussões: A identificação precoce da PE, o manejo clínico eficaz e o monitoramento contínuo são fundamentais para mitigar os riscos associados. É imprescindível que profissionais de saúde estejam capacitados para reconhecer sinais precoces e intervir de forma segura, além de políticas públicas que promovam acesso à assistência pré-natal de qualidade. Diante da gravidade e das consequências dessa condição, a ampliação dos estudos científicos sobre a pré-eclâmpsia se mostra essencial para a redução da morbimortalidade materna e perinatal. De forma geral, os resultados reafirmam que a assistência de enfermagem fundamentada em evidências, com uso de protocolos clínicos bem estabelecidos e estratégias de educação permanente, é essencial para a redução da morbimortalidade associada à pré-eclâmpsia. O enfermeiro, como profissional de linha de frente, desempenha papel fundamental na identificação precoce, monitoramento contínuo e implementação de intervenções clínicas oportunas (Kahhale;Francisco; Zugaib, 2018; Ferreira *et al.* 2016). Para Coutinho *et al.* (2023) recomenda-se que as mulheres com PE moderada a grave permaneçam em repouso no

leito para reduzir a atividade física e o estresse, o que pode ajudar a controlar a pressão arterial e reduzir o risco de complicações. O repouso no leito pode envolver ficar deitada de lado ou em uma posição confortável, evitando esforços físicos excessivos. Porém, não há evidências de que isso atenuar os desfechos adversos maternos e perinatais. Corroborando com os achados Estudos demonstram que a ocorrência prévia de PE está relacionada a taxas mais altas de hipertensão, doença cardíaca isquêmica/síndrome coronariana aguda recorrente, insuficiência cardíaca, acidente vascular cerebral e morte. A PE também está associada a resultados adversos neonatais, geralmente devido ao parto prematuro iatrogênico e ao aumento do risco de restrição do crescimento fetal e descolamento prematuro da placenta (Silva *et al.*, 2024; Alanazi *et al.*, 2022).

Conclusão: Conclui-se que reconhecimento precoce, o pré-natal rigoroso e medidas preventivas — como o uso de ácido acetilsalicílico e suplementação de cálcio em grupos de risco — são fundamentais. Profissionais capacitados são essenciais para o manejo adequado da condição, promovendo segurança materno-fetal. Pesquisas adicionais são necessárias para aprofundar o entendimento fisiopatológico e aprimorar as abordagens terapêuticas

Referências:

ALANAZI, A. D. *et al.* Pre-Existing Diabetes Mellitus, Hypertension and Kidney Disease as Risk Factors of Pre-Eclampsia: A Disease of Theories and Its Association with Genetic Polymorphism. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 19, n. 24, p. 16690–16690, 12 dez. 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36554576/>. Acesso em: 05 maio 2025.

BRASIL, G. D. *et al.* Impacto Da Pré- Eclampsia Grave Na Saúde Materna

E Fetal. **Brazilian Journal of implantology an health sciences**, v.6, n.2, p. 803-812, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n2p803-812>. Acesso em: 05 maio 2025.

COUTINHO, A.R.T. *et al.* Pré-eclâmpsia-uma revisão abrangente sobre a etiologia, epidemiologia, fatores de risco, placenta anormal, síndrome materna, diagnóstico e classificação, tratamento, prognóstico e prevenção. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 4, p. 15661-15676, 2023. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/61693>. Acesso em: 05 maio 2025.

FERREIRA, M. B. G. *et al.* Assistência de enfermagem a mulheres com pré- eclâmpsia e/ou eclâmpsia: revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, n. 2, p. 324–334, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420160000200020>. Acesso em: 05 maio 2025.

SALES NETO, P. R. *et al.* Prevalencia E Fatores De Risco a Pré-Eclampsia em Gestantes. **Brazilian Journal of implantology an health sciences**, v.6, n.2, p. 803-812, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n7p832841>. Acesso em: 05 maio 2025.

KAHHALE. S; FRANCISCO. R. P. V; ZUGAIB. B.M. PRÉ-ECLAMPSIA. **Revista de Medicina**, São Paulo, v.97,n.2, p. 226-234. mar/abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v97i2p226-234>. Acesso em: 05 maio 2025.

SILVA, G. D. C. *et al.* Impactos da pré-eclâmpsia na gravidez. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, Portugal, v. 16, n. 2, p. 1–10, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n2-ed.esp.045. Acesso em: 05 maio 2025.

O PAPEL DO ENFERMEIRO NAS COMPLICAÇÕES RESPIRATÓRIAS PÓS-CIRÚRGICO

Isabella Gomes dos Santos¹; Julia Pereira Jesus Silva²; Josiane Estela de Oliveira Prado³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – isadsantos19@gmail.com;

²Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB juuh.pereira.08@gmail.com;

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB.

josituca66@gmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Doença do aparelho respiratório, Complicações do pós operatório, Enfermeiro.

Introdução: As complicações respiratórias no período pós-operatório representam um desafio significativo para a equipe de saúde, especialmente para a enfermagem, que atua de forma contínua na vigilância e cuidado direto ao paciente. Essas complicações, como atelectasia, pneumonia e insuficiência respiratória, estão entre as principais causas de morbidade e prolongamento da hospitalização após procedimentos cirúrgicos (Almeida *et al.*, 2017). O enfermeiro exerce um papel essencial na prevenção, identificação precoce e no controle dessas intercorrências, utilizando estratégias baseadas em evidências e protocolos assistenciais que visam reduzir riscos e promover a reabilitação respiratória dos pacientes (Dos Santos *et al.*, 2015). A adoção de medidas como mobilização precoce, uso de espirometria de incentivo, monitoramento da função pulmonar e educação em saúde ressalta a importância do trabalho qualificado da enfermagem no pós-operatório (Ferreira *et al.*, 2020).

Objetivos: Compreender a atuação do enfermeiro na prevenção das complicações respiratórias no pós-operatório, evidenciando sua importância na assistência ao paciente cirúrgico.

Relevância do Estudo: Importância da assistência de enfermagem na prevenção das complicações respiratórias pós-operatórias, garante ao paciente um cuidado mais seguro e eficaz, promovendo a recuperação precoce do paciente e aprimorando a qualidade da assistência hospitalar.

Materiais e métodos: Trata-se de um estudo descritivo, cujo objetivo é apresentar e analisar as práticas e intervenções da enfermagem no contexto das complicações respiratórias pós-cirúrgicas. A coleta foi realizada por meio de uma revisão da literatura em bases científicas como SciELO e Google Acadêmico. Foram selecionados artigos publicados entre 2015 e 2024, que abordassem a atuação da enfermagem na prevenção e tratamento de complicações respiratórias em pacientes cirúrgicos.

Resultados e discussão: Intervenções contínuas e baseadas em evidências, como o uso de protocolos assistenciais e o monitoramento constante, têm mostrado resultados positivos na redução de complicações respiratórias no pós-operatório (Santos; Oliveira, 2020). Nesse contexto, o papel do enfermeiro não se limita apenas a identificar sinais de alterações respiratórias, mas também envolve ações preventivas e educativas. Entre essas ações estão a mobilização precoce, os exercícios respiratórios diários e o incentivo à deambulação assistida, que ajudam a melhorar a função pulmonar e evitam complicações (Kuhn; Zucco; Santos, 2018). A orientação ao paciente também é fundamental nesse processo, pois aumenta a adesão às recomendações e contribui para uma recuperação mais segura e eficaz. Com essas práticas, o enfermeiro atua de forma ativa na promoção de um pós-operatório

mais eficiente, ajudando a diminuir o tempo de internação e melhorar os resultados do tratamento (Ferreira *et al.*, 2020).

Conclusão: Portanto, conclui-se que a atuação proativa do enfermeiro, baseada em conhecimento técnico, na utilização de protocolos clínicos como a aplicação do Processo de Enfermagem através da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) possibilita um cuidado mais estruturado e direcionado, sendo determinante para assegurar uma recuperação segura e eficiente. Dessa forma, o fortalecimento das práticas assistenciais e o investimento em capacitação contínua da equipe de enfermagem são medidas essenciais para a melhoria dos resultados clínicos e da qualidade do cuidado prestado ao paciente.

Referências –

ALMEIDA, A.G.A. *et al.* Estado respiratório de pacientes adultos no período pós-operatório de cirurgias torácicas ou abdominal superior. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2017; v. 25:e2959
DOI: 10.1590/1518-8345.2311.2959 Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rlae/a/JNp9RGSHWYbpzrNVqYZ3ZfG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2025.

DOS SANTOS, N. A. *et al.* Perfil de diagnósticos de enfermagem em pacientes com distúrbios respiratórios. **Investir. educ. enferm**, Medellín, v. 1, p. 112-118, abril de 2015. Disponível em:
http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0120-53072015000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 25 fev. 2025.

FERREIRA, J. *et al.* Impacto da espirometria de incentivo na redução de complicações respiratórias no pós-operatório da laparotomia: revisão sistemática. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação**, 2020. V. 3, n.1, p. 21-6.
<https://doi.org/10.33194/rper.2020.v3.n1.3.4613> Disponível em:
<http://rper.aper.pt/index.php/rper/article/view/114>. Acesso em: 24 fev. 2025.

KUHN, A. A.; ZUCCO, D.; SANTOS, L.J. Condições funcionais e respiratórias no pós-operatório de cirurgia bariátrica. **Aletheia. Revista Interdisciplinar de Psicologia e Promoção da Saúde**, 2018, v. 51, n 1 e 2. Disponível em:
<http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/aletheia/article/view/4908>. Acesso em: 23 fev. 2025.

SANTOS, A. P.; OLIVEIRA, R. M. Protocolos assistenciais e o papel da enfermagem na prevenção de complicações respiratórias pós-operatórias. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 2, p. 1–8, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0450>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben>. Acesso em: 04 fev. 2025.

CAPTAÇÃO E TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS: CUIDADOS E DESAFIOS DO ENFERMEIRO

Carla Gaspari Vanni¹; Débora Cristina da Silva²; Josiane Estela de Oliveira Prado³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – carla_vanni@hotmail.com;

²Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – deborallima00@gmail.com

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB.

josituca66@gmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Morte Encefálica, Captação de Doadores de Órgãos, Transplante de Órgãos.

Introdução: O transplante de órgãos tem por objetivo curar pacientes que possuem alguma disfunção fisiológica em seu órgão. Para isso, é necessário ter um doador, que na maioria das vezes teve morte encefálica ou os que se submetem a doar sem comprometer a sua saúde. O diagnóstico por morte encefálica deve ser realizado por sob protocolo e executado pela equipe médica, sendo especializados nas seguintes áreas: medicina intensiva, medicina intensiva pediátrica, neurologia, neurologia pediátrica, neurocirurgia ou medicina de emergência. A doação de órgãos e tecidos para transplante é um processo que começa no hospital responsável pela notificação da morte encefálica. Dessa forma, a assistência de enfermagem ao doador tem como principal objetivo garantir a viabilidade dos órgãos para transplante. O enfermeiro é responsável pelo planejamento, execução, coordenação, supervisão e avaliação das ações de enfermagem destinadas ao potencial doador, além de comunicar às Centrais de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos sobre a ocorrência do caso (Carvalho et al., 2018). Para que o transplante seja bem-sucedido, algumas etapas devem ser executadas: identificação do paciente com critérios clínicos de morte encefálica, a confirmação definitiva do diagnóstico através de avaliação clínica e laboratorial, manutenção hemodinâmica do potencial doador em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e por fim, a abordagem da família com cautela para prosseguir ou não com o procedimento (Marques; Melo, 2024).

Objetivos: Demonstrar o papel do enfermeiro durante o processo de captação e doação de órgãos para transplantes.

Relevância do Estudo: Diante de um cenário tão caótico no sistema de saúde de transplantes em nosso país se faz necessário destacar a importância, preparação e ocorrências do enfermeiro na captação e doação de órgãos.

Materiais e métodos: Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica desenvolvida com artigos científicos. Foram pesquisados nas bases de dados eletrônicas, utilizando os descritores: Captação de Doadores de Órgãos, Transplante de Órgãos.

Resultados e discussões: O profissional de enfermagem tem relação com todas as etapas do processo de captação e doação de órgãos (Figueiredo et al., 2020). Tem como responsabilidade fazer buscas de possíveis doadores, levando em consideração a patologia dos pacientes. Além disso, transmite informações para a Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos, para que esta encontre um possível receptor (Carvalho et al., 2018). Outro cuidado do Enfermeiro durante esse processo, é a comunicação com os familiares, visto que, uma vez confirmado o diagnóstico de morte encefálica, a equipe precisa noticiar este fato à família. Nesse momento vulnerável, destaca-se a importância da sensibilidade para conduzir o contato com os familiares, sendo uma maneira de aproximação e confiança entre

eles para dialogar sobre a doação dos órgãos (Tolfo et al., 2018). Com isso, a comunicação eficaz desempenha um papel crucial na doação de órgãos, pois oferece aos familiares os esclarecimentos essenciais para que possam se posicionar sobre essa possibilidade. Assim, a objetividade, clareza e simplicidade na transmissão das informações são fatores determinantes para auxiliar na decisão a ser tomada (Figueiredo et al., 2020). Um estudo brasileiro de 2016 comprovou que fatores como medo, estresse, religião e conhecimento são os motivos que mais atrapalham os enfermeiros quando o assunto é doação de órgãos (Tolfo et al., 2018). A importância de convencer os familiares sobre a doação, é que inúmeras pessoas podem ser beneficiadas, visto que, de um mesmo doador, mais de uma pessoa será favorecida. Dentre as cirurgias mais comuns estão: as de coração, pulmões, fígado, pâncreas, intestino, rins, córnea, vasos, pele, ossos e tendões (Fontenele et al., 2023). Em resumo, o enfermeiro é responsável por acompanhar todo o processo de abertura e fechamento de protocolo de morte encefálica, na comunicação com a família, em direcionar a equipe de centro cirúrgico para captação dos órgãos, resolver questões burocráticas com a Central de Transplantes, e por fim agradecer e entregar o corpo para a família (Carvalho et al., 2018)

Conclusão: O enfermeiro é um profissional essencial entre a equipe assistencial, a equipe de central de transplantes e a família. O especialista, ao mostrar conhecimento e habilidade quando realiza suas funções, acaba assumindo uma posição fundamental, tornando-se um meio de facilitar o processo de doação de órgãos e transplantes.

Referências

CARVALHO, N.S. et al. Atuação do enfermeiro no processo de doação e captação de órgãos em doadores elegíveis. **Rev. ENFERM UFPI**, Piauí. jan./mar.2018; v.8, ed.1, p.23-29. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1103232> .Acesso em: 23 fev. 2025.

TOLFO, F.D. et al. A atuação do enfermeiro em comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos. **Rev. ENFERM UFRJ**, Rio de Janeiro. 2018; v.26, r. e27385. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2018.27385>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/27385> .Acesso em: 23 fev.2025.

MARQUES, M.C.; MELO, A.G. Atuação Do Enfermeiro Frente As Fragilidades Encontradas No Processo De Doação De Órgãos: Revisão Integrativa. **Rev. FACULDADES DO SABER**. 2024; v. 09, ed. 21, p. 210-221. Disponível em: <https://rfs.emnuvens.com.br/rfs/article/view/276/207> . Acesso em: 23 fev. 2025.

FONTENELE, R.M. et al. Doar ou não doar: significados da negação familiar para a doação de órgãos e tecidos. **Rev. ENFERM UFPI**, Piauí. 2023; v. 12, r. e3613. DOI: 10.26694/reufpi.v12i1.3613. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/3613/3703> . Acesso em: 23 fev. 2025.

FIGUEIREDO, C.A. et al. Equipe de enfermagem na doação de órgãos: revisão integrativa de literatura. **Rev. BIOÉT**. jan/mar.2020; v.28, ed.1. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422020281369>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/DBNtZHhjbkNnWWKSLn7Gtzp/?format=html> . Acesso em: 23 fev. 2025.

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Anahy Sarah da Silva¹; Maria Eduarda Andrade Veloso²; Giselly Teixeira Ribeiro³; Carolina Tarcinalli Souza⁴

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB;

²Aluna de Farmácia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB;

³Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB;

⁴Professora de Fisioterapia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB; --

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Violência obstétrica, violência contra mulheres, saúde pública, direitos humanos,

Introdução: A violência obstétrica é uma ação de infração focado especificamente as mulheres que estão no processo de acompanhamento médico durante o trabalho de parto, aonde sofrem diversas praticas abusivas, hostis, desrespeitosas no âmbito da área da saúde, cometidas nos atendimentos das moças durante momentos críticos. De acordo com Agência Câmara de Notícias (2023) na pesquisa “Nascer no Brasil”, da Fiocruz, entre 2011 a 2012 no Sistema Único de Saúde (SUS) a taxa de mulheres que sofreram violência obstétrica foi de 45% (Trajano; Barreto, 2021)

Objetivos: Conscientizar os acompanhantes sobre a violência obstétrica.

Relevância do estudo: nos últimos anos houve um aumento do número de casos de violência obstétrica no Brasil, dessa maneira as mulheres, devem ser amparadas nesse momento por médicos a fim de resguarda-las e principalmente deixa-las em segurança.

Material e Método: Análises de diversos artigos, realizado desde o começo de maio de 2025, através das bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Os descritores em ciências foram: Violência obstétrica”, “direitos humanos”, “violência contra mulheres”, “saúde pública”. Grande parte dos documentos foram publicados nos idiomas inglês, espanhol e português, dos últimos dez anos. Desta forma, foram selecionados artigos onde entravam na categoria de informar as consequências, fatores de acontecimentos e circunstancias.

Resultado e discussão: Estudos indicam que a violência obstétrica atinge desproporcionalmente mulheres com baixa renda, negra e com baixa escolaridade, refletindo em formas de desigualdades sociais e raciais no Brasil. As principais praticas foram categorizadas como negligencias, estereótipos e exclusão de mulheres negras e houve uma intensificação das violações nos tempos da covid-19 como justificativa para tais ações discriminatórias (Santana *et al.*, 2024). Os estudos apontam que a violência obstétrica ocorre em diferentes níveis: desde práticas físicas (como manobra de kristeller, episiotomias desnecessárias e cesarianas sem indicação clínica) até formas psicológicas e simbólicas (gritos, humilhações, ameaças, omissão de informações). Em outro estudo foi relatado de 530 mulheres entrevistadas 48,7% relataram ter um bom conhecimento sobre violência obstétrica, já os 51,6% tinham pouco ou até mesmo nenhum tipo de conhecimento a respeito do tema não sabendo categorizar se ocorreu violações ou não. Devido a esses abusos tanto físicos quanto psicológicos, após há relatos de mulheres que não conseguiram superar os acontecimentos afetando a saúde emocional impactando na autoestima, no bem estar da paciente, tanto quanto na confiança em relação a assistência medica quanto na instituição hospitalar. (Lansky *et al.*, 2019). Diniz *et al.* (2015) mencionam que a formação dos profissionais de saúde, em especial dos médicos, tem papel importante no desenho atual da

assistência e na resistência à mudança, os autores apontam que para a prevenção da violência obstétrica se faz necessário investir na formação de enfermeiros obstétricos e obstetizes, pois são profissionais especializados em atender o parto fisiológico. Ao mesmo tempo, as diretrizes nacionais de assistência ao nascimento recomendam o atendimento ao parto de risco habitual pelo enfermeiro obstétrico, por apresentar maiores vantagens no que tange à diminuição de intervenções e ao maior grau de satisfação das mulheres, além disso, a violência obstétrica compreende o uso excessivo de medicamentos e intervenções no parto, assim como a realização de práticas consideradas desagradáveis e muitas vezes dolorosas, não baseadas em evidências científicas (Zanardo *et al.*, 2017).

Considerações finais: As práticas da violência obstétrica esta relacionada com diversas falhas e preconceitos, como baixa infraestrutura hospitalar, desigualdade social (de gênero e raça). Para haver qualquer tipo de prevenção precisa-se visar a capacitação ética e profissional dos funcionários que permanecem na área, sempre reforçando o respeito aos direitos humanos

Referências Bibliográficas:

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Vítimas de violência obstétrica denunciam negligências médicas.** Agência Câmara de Notícias 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1005005-vitimas-de-violencia-obstetrica-denunciam#comentario>. Acesso em: 17 out. 2025.

DINIZ, S.G. *et al.* Abuse and disrespect in childbirth care as a public health issue in Brazil: origins, definitions, impacts on maternal health, and proposals for its prevention. **J. Hum. Growth Dev.**, v. 25, n. 3, p. 377-384, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000300019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2025.

LANSKY, S. *et al.* Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 2811–2824, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.30102017>. Acesso em: 17 out. 2025.

SANTANA, A. T. *et al.* Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil: percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n.9, p. 8, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.09952023>.

TRAJANO, A.R.; BARRETO, E.A. Violência obstétrica na visão de profissionais de saúde: a questão de gênero como definidora da assistência ao parto. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, [s.n], p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/PDnDR5XtNdJy47fkKRW6qcw/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2025.

ZANARDO, G. L.P. *et al.* Violência Obstétrica No Brasil: Uma Revisão Narrativa. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, [s.n], p. 1-11, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/J7CMV7LK79LJTnX9gFyWHNN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2025.

FISIOLOGIA E MANIFESTAÇÃO CEREBRAL NOS PACIENTES ONCOLÓGICOS, FRENTE A ESPIRITUALIDADE

Naara Ferreira Soares¹; Flávio Ademilson Corradini Junior²; Lídia Regina Costalino Cabello³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – naara358@gmail.com;

^{2,3}Professor do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
prof.flavioc@hotmail.com; lidiareginacabello@hotmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Fisiologia cerebral; Espiritualidade; Neurotransmissores; Neurociência e Oncologia.

Introdução: O cérebro, órgão central do sistema nervoso, coordena funções cognitivas, emocionais e comportamentais, com estruturas como o córtex cerebral e o sistema límbico atuando de forma integrada. Neurotransmissores como dopamina, serotonina, GABA e ocitocina regulam emoções, motivação e bem-estar psicológico, sendo essenciais para a saúde mental, pois desequilíbrios podem gerar ansiedade, depressão ou alterações comportamentais (Carvalho, 2023). No contexto do câncer, emoções como medo, tristeza e angústia influenciam a vivência do diagnóstico e do tratamento, podendo afetar a qualidade de vida e a adesão às terapias (Rocha *et al.*, 2016). A espiritualidade se apresenta como recurso de suporte, promovendo conforto, esperança e ressignificação do adoecimento, fortalecendo vínculos e oferecendo sentido à experiência, sendo relevante para a saúde e a qualidade de vida de pacientes oncológicos (Leão, 2021).

Objetivos: O objetivo geral do estudo foi demonstrar e encontrar os efeitos fisiológicos cerebrais, suas possíveis manifestações e emoções aos pacientes que são recém diagnosticados ou convivem com o câncer e utilizam a espiritualidade como uma ferramenta de apoio.

Relevância do Estudo: O câncer é uma das doenças mais prevalentes entre os seres humanos, frequentemente associado à ausência de cura e a intenso sofrimento físico e emocional. Diante dessa realidade, este estudo se propõe a compreender a relevância da espiritualidade como possível fator neurobiológico de promoção da saúde, investigando as manifestações cerebrais e os neurotransmissores envolvidos em pacientes oncológicos. Busca-se, assim, avaliar se a espiritualidade pode atuar como um elemento de apoio no enfrentamento do câncer, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida, para o equilíbrio emocional e, possivelmente, para a recuperação do paciente. Os resultados pretendem oferecer novas perspectivas à comunidade científica, a sociedade sobre o papel da espiritualidade na saúde integral do ser humano e o funcionamento cerebral.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa. A pesquisa deu-se a partir dos periódicos disponíveis nas bases de dados LILACS, SCIELO, BVS, PUBMED, LIVROS e SITES OFICIAIS, realizado no período dos meses de março a setembro de 2025.

Resultados e discussões: A confirmação do diagnóstico do câncer representa um momento de grande fragilidade emocional, afetando o estado físico, psicológico e social do indivíduo. Nesse contexto, a espiritualidade surge como recurso de enfrentamento, oferecendo suporte emocional e auxiliando na ressignificação da vida, mobilizada tanto antes quanto após o diagnóstico (Ferreira *et al.*, 2020). Embora tradicionalmente percebida como oposta à ciência, a espiritualidade desempenha papel relevante na promoção da saúde e no enfrentamento de doenças graves. Evidências sugerem que a fé contribui para a busca de sentido e esperança, mesmo diante da dor e limitações impostas pelo adoecimento, fortalecendo a resiliência

emocional e o bem-estar psicológico. A prática espiritual influencia positivamente aspectos físicos, emocionais e sociais dos pacientes oncológicos, podendo reduzir sintomas de ansiedade, depressão e estresse, além de melhorar a resposta imunológica e a qualidade de vida. Ainda que nem todos percebam benefícios concretos, a vivência espiritual é frequentemente mobilizada como recurso de apoio no enfrentamento da doença (Castro, 2017; Ferreira et al., 2020).

Conclusão: O estudo evidenciou que a espiritualidade, especialmente pela oração, contribui de forma significativa para o enfrentamento do câncer, atuando como recurso complementar às intervenções médicas e psicológicas. Seus efeitos envolvem melhora do bem-estar emocional, fortalecimento da resiliência e impactos positivos no funcionamento cerebral e fisiológico. Conclui-se, assim, que integrar a dimensão espiritual ao cuidado oncológico favorece uma abordagem mais ampla, científica e humanizada.

Referências:

CARVALHO, T. P. Blog Projeto Estímulo na Área de Parkinson e da Memória. **O Cérebro e suas emoções**. 2023. Disponível em: <https://utfpr.curitiba.br/projetoestimulo/?p=778>. Acesso em: 15 set. 2025.

CASTRO, G. F. P. **A espiritualidade no tratamento de pacientes com câncer**. Dissertação (Mestrado em ciência das religiões) – Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2017. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/7132619c87efe0d23f2705b5dd7426e7/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 08 set. 2025.

FERREIRA, L. F. *et al.* A influência da espiritualidade e da religiosidade na aceitação da doença e no tratamento de pacientes oncológicos: **Revisão integrativa da literatura**. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Minas Gerais, v. 66, n. 2, p. 07422, abril/2020. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2020v66n2.422>. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/422/630>. Acesso em: 16 set. 2025.

LEÃO, D. C. M. R. **A vivência da mulher com diagnóstico de câncer de mama e as implicações da espiritualidade no cuidado**: um estudo fenomenológico. Tese Doutoral – Universidade de Granada, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://digibug.ugr.es/bitstream/handle/10481/70165/88980%281%29.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso em 15 set. 2025.

ROCHA, P. T. *et al.* A influência da espiritualidade e da religiosidade no tratamento oncológico: percepção da pessoa com câncer. **Revista Tendências da Enfermagem Profissional**, Fortaleza, v. 8, n. 4, p. 2031-2036, dez/2016. Disponível em: <https://www.coren-ce.org.br/wp-content/uploads/2015/12/retap-8-4.pdf#page=33>. Acesso em: 15 set. 2025.

DIFICULDADES NA AUTOADMINISTRAÇÃO DE INSULINA EM DIABÉTICOS NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA

Milenna Neto Comini Santos¹; Vanessa Malacrida de Moraes²; Flávia Cristina Pertinhes Franco³.

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – netocominimilenna@gmail.com;

²Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
vani.malacrida@gmail.com

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
flavi.franco@uol.com.br.

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Diabetes Mellitus; Autocuidado; Enfermagem; Insulina; Estratégia Saúde da Família.

Introdução: O diabetes mellitus (DM) é uma das doenças crônicas de maior impacto em saúde pública, caracterizado pela hiperglicemia persistente decorrente de alterações na produção ou ação da insulina (Costa *et al.*, 2023). Estimativas indicam um crescimento progressivo da doença, associada a complicações micro e macro vasculares, o que reforça a necessidade de estratégias eficazes de cuidado (Almeida *et al.*, 2018). No contexto brasileiro, a Estratégia Saúde da Família (ESF) atua como porta de entrada no acompanhamento dos indivíduos com DM, oferecendo atenção integral e contínua (Gama Guimarães; Rocha, 2017). Contudo, a adesão à insulino terapia permanece um desafio especialmente pela necessidade de autoadministração diária.

Objetivos: Analisar as principais dificuldades enfrentadas por pacientes diabéticos atendidos na Estratégia Saúde da Família (ESF) na autoadministração de insulina.

Relevância do Estudo: Diante da relevância da Diabetes como uma enfermidade crônica de maior impacto em saúde pública, torna-se essencial compreender os fatores que dificultam a autoadministração de insulina para orientar práticas de enfermagem que fortaleçam o autocuidado e previnam complicações. A atuação educativa dos profissionais pode melhorar a adesão terapêutica e reduzir internações evitáveis.

Materiais e métodos: Este estudo constitui uma revisão bibliográfica narrativa, realizada entre fevereiro e setembro de 2025. A busca foi feita nas bases Scielo, BVS, Google Acadêmico e sites oficiais. Foram selecionados artigos publicados entre 2015 e 2025 que atendiam aos critérios de inclusão: textos completos, gratuitos e alinhados à temática. Após a seleção, realizou-se leitura crítica, fichamento e análise comparativa.

Resultados e discussões: Foram identificadas diversas barreiras à autoadministração da insulina, como desconhecimento técnico sobre a aplicação correta, erros no ângulo de inserção da agulha e falhas no ajuste da dose (Reis *et al.*, 2020). Limitações visuais e motoras, associadas a complicações do próprio DM, agravam essas barreiras. O medo da dor, a vergonha em ambientes sociais, o receio de cometer erros, os problemas relacionados ao armazenamento e o descarte dos insumos também reduzem a adesão (Reis *et al.*, 2019). Outro problema recorrente é a irregularidade no fornecimento de seringas, agulhas e glicosímetros gratuito pelo SUS, o que leva muitos pacientes a reutilizarem os insumos de forma inadequada, aumentando riscos de lipodistrofia e infecções. Além disso, a baixa escolaridade mostrou-se um fator limitante que dificulta a interpretação de prescrições médicas, aumentando os erros e reduzindo ainda mais a adesão ao tratamento (Marra *et al.*, 2024). Nesse contexto, o enfermeiro ocupa posição estratégica e importante como educador

em saúde, ao oferecer orientações contínuas acompanhamento próximo e incentivo ao autocuidado, favorecendo maior autonomia do paciente (Costa *et al.*, 2023).

Conclusão: As dificuldades na autoadministração de insulina vão além de aspectos técnicos, abrangendo barreiras sociais, cognitivas e estruturais. Para superá-las, a garantia de insumos, a ampliação de ações educativas e o fortalecimento da atuação multiprofissional na ESF são fundamentais para melhorar a adesão ao tratamento. Reforça-se, assim, a centralidade da enfermagem no cuidado e na promoção da saúde de pessoas com DM, contribuindo para a prevenção de complicações e a melhoria da qualidade de vida.

Referências –

ALMEIDA, A. *et al.* Avaliação da técnica de administração de insulina em utentes com diabetes mellitus tipo 2 nos cuidados de saúde primários. **Revista Portuguesa de Diabetes**, Lisboa, v. 13, n. 5, p. 95-100, set. 2018. Disponível em: <https://www.revportdiabetes.com/wp-content/uploads/2018/10/RPD-Setembro-2018-Artigo-Original-p%C3%A1gs-95-100.pdf> Acesso em: 4 abr. 2025.

COSTA, A. K. G. *et al.* Dificuldades apresentadas por pacientes com diabetes na autoadministração de insulina: revisão de escopo. **Revista Médica de Minas Gerais**, Minas Gerais, n. 1, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://www.rmmg.org/artigo/detalhes/3976> Acesso em: 4 abr. 2025.

GAMA, C. A. P., GUIMARÃES, D. A., ROCHA, G. N. G. Diabetes Mellitus e atenção primária: percepção dos profissionais sobre os problemas relacionados ao cuidado oferecido às pessoas com diabetes. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 1–16, dez. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000300013 Acesso em: 4 abr. 2025.

MARRA, G.P. *et al.* Principais dificuldades enfrentadas pelos diabéticos para manejo e aplicação correta da insulina. **Revista Brasileira de Revisão de Saúde**, [S. l.], v. 3, pág. e70406, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n3-315. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/70406/50064>. Acesso em: 17 set. 2025.

REIS, P. *et al.* Intervenção educativa sobre o conhecimento e manejo de insulina no domicílio. **Acta Paul Enferm.** V. 9, p. 1-9, 2019. DOI: 10.37689/actape/2020AO0241. Disponível em: https://acta-ape.org/wp-content/uploads/articles_xml/1982-0194-ape-33-eAPE20190241/1982-0194-ape-33-eAPE20190241.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

REIS, P. *et al.* Autocuidado e percepção do tratamento para o diabetes por pessoas em uso de insulina. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [S. l.], v. 10, p. e60, 2020. DOI: 10.5902/2179769239880. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/39880/pdf>. Acesso em: 17 set. 2025.

MODULAÇÃO HORMONAL NO CLIMATÉRIO E MENOPAUSA: DIFERENÇA ENTRE TERAPIA DE REPOSIÇÃO HORMONAL SINTÉTICA E BIOIDÊNTICA, RISCOS E BENEFÍCIOS ASSOCIADOS

Maria Luiza da Silva Antunes¹; Lídia Regina Costalino Cabello²; Olga Maris Moreira³

1Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
marialuizadasilvaantunes77@gmail.com

2, 3 Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru - FIB
lidiareginacabello@hotmail.com - olgamaris@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Menopausa; Climatério; Terapia de reposição hormonal; Hormônios; Mulher.

Introdução: O climatério é visto como uma fase de mudança entre o período reprodutivo e o não reprodutivo da mulher, caracterizada pelo esgotamento gradual dos folículos ovarianos e pela consequente diminuição na produção de estrogênio (Selbac et al., 2018). A menopausa é uma fase natural do envelhecimento feminino, marcada por alterações hormonais que afetam o ciclo menstrual (Souza; Araújo, 2015). Consoante a FEBRASGO (2023) o aumento progressivo das queixas de dispareunia, associada à atrofia e ressecamento vaginal, bem como da redução do desejo sexual, ocorreram independentemente da presença de comorbidades e das condições biopsicossociais. Durante a menopausa, a queda nos níveis de estradiol afeta a função vascular, visto que esse hormônio possui propriedades importantes como ação antioxidante, anti-inflamatória e estímulo à produção de óxido nítrico. (Oliveira et al., 2024). A terapia de reposição hormonal bioidêntica consiste na utilização desses hormônios em substituição às substâncias sintéticas, com o objetivo de proporcionar uma abordagem terapêutica mais natural e compatível com o corpo humano. Em contrapartida, os hormônios de origem sintética ou química podem permanecer no organismo por períodos prolongados o que pode levar ao acúmulo de metabólitos ou toxinas por serem administrados em dose de depósito (Romancini; Barbosa; Tiyo, 2016).

Objetivos: O objetivo do presente estudo é analisar as indicações da modulação hormonal em mulheres no climatério e na menopausa, bem como discutir as principais terapias de reposição hormonal disponíveis, com foco nos hormônios sintéticos e bioidênticos, avaliando seus riscos, benefícios e implicações na saúde da mulher.

Relevância do Estudo: A presente pesquisa apresenta grande relevância ao abordar um assunto pouco conhecido sobre o climatério e a menopausa, fases marcadas por intensas alterações hormonais que afetam a qualidade de vida da mulher. A comparação entre terapias hormonais sintéticas e bioidênticas contribui para esclarecer riscos e benefícios ainda cercados de controvérsias. O estudo oferece subsídios para profissionais de saúde, favorecendo decisões terapêuticas seguras, baseadas em evidências.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa e descritiva, com caráter exploratório, realizada nas bases de dados CAPES, PubMed, SciELO, Google Acadêmico e sites oficiais.

Resultados e discussões: O climatério e a menopausa são fases marcadas pela queda dos níveis hormonais femininos, resultando em sintomas que afetam a saúde e o bem-estar. Terapia de Reposição Hormonal (TRH) busca amenizar esses efeitos e restabelecer o equilíbrio fisiológico (SELBAC et al., 2018). Contudo, sua indicação deve ser individualizada, considerando possíveis riscos metabólicos e cardiovasculares (OLIVEIRA et al., 2024). A reposição hormonal bioidêntica apresenta-se como alternativa à terapia de reposição

hormonal tradicional, oferecendo benefícios adicionais e menores riscos, ou seja, substâncias quimicamente semelhantes às produzidas naturalmente pelo organismo. Dessa forma, é possível promover uma resposta fisiológica mais harmoniosa e próxima dos processos naturais do corpo (Romancini; Barbosa; Tiyo, 2016).

Conclusão: O presente estudo evidenciou que a modulação hormonal bioidêntica se mostra uma alternativa promissora para o alívio dos sintomas do climatério e da menopausa, oferecendo maior compatibilidade com o organismo. A escolha da terapia deve ser individualizada, considerando riscos, benefícios e garantindo qualidade de vida à mulher.

Referências:

FEBRASGO. FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA. **Desafios da prescrição da testosterona para disfunção sexual em mulheres.** FEBRASGO. 2023. Disponível em: https://www.febRASGO.org.br/images/pec/posicionamentos-febrasgo/FPS20240007_Portugues.pdf Acesso em: 2 abr. 2025.

OLIVEIRA, M. M. G. et al. Diretriz Brasileira sobre a Saúde Cardiovascular no Climatério e na Menopausa. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia.** Rio de Janeiro. v. 121, n. 7, p. 9. 16 ago. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abc/a/fpRqtqpRp6YXLJmQTYSBggG/?lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2025.

ROMANCINI, C. M. P.; BARBOSA, G. R.; TIYO, R. A relevância clínica no tratamento com hormônios bioidênticos. **Uningá Review**, Maringá, v. 28, n. 3, 12 dez. 2016. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1881>. Acesso em: 16 abr. 2025.

SELBAC, T. M. et al. Mudanças comportamentais e fisiológicas determinadas pelo ciclo biológico feminino: climatério à menopausa. **Aletheia**, Canoas, v. 51, n. 1-2, p. 177-190, dez. 2018. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/v51n1-2/v51n1-2a16.pdf> Acesso em: 10 abr. 2025.

SOUZA, A. S. L. N.; ARAÚJO, O. L. C, Marco do envelhecimento feminino, a menopausa: sua vivência, em uma revisão de literatura, **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, p. 150,1 jan. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/download/26430/18952/69073> Acesso em: 02 abr. 2025.

COMUNICAÇÃO EFICAZ ENTRE A EQUIPE MULTIDISCIPLINAR EM CUIDADOS PALIATIVOS

Laís Regina da Silva Florentino¹; Josiane Estela de Oliveira Prado²; Flávia Cristina Pertinhes Franco³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB laisregina799@gmail.com

^{2,3} Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
josituca66@gmail.com ; flavi.franco@uol.com.br

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Comunicação; Cuidados Paliativos; Equipe Multidisciplinar; Morte; Luto.

Introdução: Os cuidados paliativos (CP) evoluíram de práticas religiosas voltadas ao conforto imediato para uma abordagem moderna e integral, iniciada com Cicely Saunders e o St. Christopher's Hospice, em 1967, que passou a incluir dimensões físicas, emocionais e espirituais (Gomes; Othero, 2016). No Brasil, a Política Nacional de Cuidados Paliativos implementada pelo Ministério de Saúde, busca garantir a oferta desses cuidados dentro do Sistema Único de Saúde (SUS). A abordagem dos CP valoriza não apenas a evolução da doença, mas também a trajetória pessoal de vida do paciente, diante dessa enfermidade, o que faz com que o plano de cuidado seja individualizado. Para que o cuidado seja verdadeiramente centrado no paciente e não apenas na doença, é imprescindível contar com uma equipe multidisciplinar ativa, empática e integrada, a equipe enfrenta o desafio de tratar não só a dor, mas também de considerar aspectos sócias, morais, psicológicos e espirituais. A comunicação clara e empática entre profissionais, pacientes e familiares é o pilar central para o controle de sintomas, tomada de decisões e fortalecimento de vínculo (Pulga et al., 2019).

Objetivos: O objetivo desse trabalho foi estacar a comunicação de cuidados paliativos ao paciente e família, incluindo todos os membros da equipe multidisciplinar

Relevância do Estudo: A comunicação é um dos pilares fundamentais dos cuidados paliativos, pois permite compartilhar informações de forma sensível, fortalecer vínculos e apoiar pacientes e familiares diante da finitude da vida. A ausência de diálogo claro pode gerar insegurança, sofrimento emocional e decisões éticas inadequadas. Assim, compreender e aprimorar as práticas comunicacionais da equipe multidisciplinar contribui para uma assistência humanizada, alinhada às diretrizes da Política Nacional de Cuidados Paliativos e às necessidades individuais de cada paciente.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, que permite mapear e discutir o conhecimento científico de forma ampla. A pesquisa utilizou fontes acadêmicas e científicas – SciELO, Google Acadêmico, revistas especializadas e protocolos de cuidados paliativos – com os descritores cuidados paliativos, equipe multidisciplinar e comunicação eficaz. Foram incluídos artigos em português, disponíveis gratuitamente na íntegra, publicados entre 2014 e 2024, que abordassem diretamente a comunicação em equipes multiprofissionais em cuidados paliativos. Excluíram – se estudos fora do período definido ou que não contemplassem o tema.

Resultados e discussões: Os cuidados paliativos buscam aliviar o sofrimento e garantir dignidade a pacientes com doenças que ameaçam a vida, contemplando também aspectos emocionais e espirituais. A atuação de equipe multidisciplinar requer comunicação clara para definir condutas e oferecer assistência integral (Barros;

Teixeira; Vieira, 2024). Desafios como falta de protocolos e sobrecarga podem comprometer esse diálogo, exigindo capacitação, uso de ferramentas como o SBAR (Situação, Background, Avaliação e Recomendação) e apoio institucional, com destaque para o papel do enfermeiro na coordenação do cuidado (Andrade et al., 2022). O preparo emocional dos profissionais é essencial para lidar com o processo de morrer e evitar atitudes de afastamento (Rosa; Lage, 2025). A comunicação empática entre equipe, paciente e família fortalece vínculos, orienta decisões éticas e melhora a qualidade de vida até o fim. Como disse Dame Cicely Saunders “Você é importante porque é você, e continuará sendo importante até o último momento de sua vida”.

Conclusão: A comunicação eficaz na equipe multidisciplinar é essencial para a qualidade dos cuidados paliativos, integrando competência técnica, empatia e preparo emocional. Estratégias como capacitação contínua, protocolos estruturados, reuniões interdisciplinares e suporte institucional promovem decisões compartilhadas e respeitam os valores de pacientes e familiares. Cuidar da saúde mental dos profissionais é indispensável para lidar humanizada mente com o processo de morrer. Assim, investir em comunicação clara, ética e transparente fortalece o diálogo, assegura cuidado integral e garante conforto e qualidade de vida até o fim.

Referências –

ANDRADE, C. G. et al. Cuidados Paliativos e Comunicação: Uma Reflexão Luz da Teoria do Final de Vida Pacífico. **Cogitare Enferm.** 2022, v.27: e80917. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v27i0.80917>. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/80917?utm_source=.com Acesso em 18 ago. 2025.

BARROS, J. P. TEIXEIRA, C. W.P. B. VIEIRA, N. O. B. Cuidados Paliativos na Unidade de Terapia Intensiva: Visando a Equipe Multidisciplinar. **Ciências da Saúde**, Volume 28 – Ciências da Saúde - Edição 137/ago 2024, 06/08/2024 DOI: 10.69849/revistaft/ni10202408060752 Disponível em: https://revistaft.com.br/cuidados-paliativos-na-unidade-de-terapia-intensiva-visando-a-equipe-multidisciplinar/?utm_source=.com Acesso em 10 ago. 2025.

GOMES. A. N. Z; OTHERO, M. B. **Cuidados Paliativos. Estudos Avançados**, v. 30 n.88, 2016. DOI: 10.1590/S0103-40142016.30880011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/gvDg7kRRbzdfr8CsvBbXL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 mar. 2025.

PULGA, G. et al. O trabalho da equipe multidisciplinar na melhoria da qualidade de vida de pacientes em estágio terminal em foco nos cuidados paliativos. **Unoesc & Ciência - ACBS Joaçaba**, v. 10, n. 2, p. 163-168, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/acbs/article/view/21295/14345>. Acesso em: 28 mar. 2025.

ROSA, A. V. LAGE, P. S. Cuidados paliativos: a importância da enfermagem no ato de cuidar e os riscos de esgotamento emocional. **Ciências da saúde**, volume 29 – edição 14 jul. 2025, 31 jul. 2025. Disponível em: <https://revistaft.com.br/cuidados-paliativos-a-importancia-da-enfermagem-no-ato-de-cuidar-e-os-riscos-de-esgotamento-emocional/>. 2 set. 2025.

IMPLEMENTAÇÃO DE PROTOCOLOS DE BOAS PRÁTICAS DE ENFERMAGEM PARA REDUÇÃO DE INFECÇÃO HOSPITALAR EM UTI

Giovana Alves Lasnik¹; Flavio Ademilson Corradini Junior²; Andréia Caron³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB giovanalasn timer@gmail.com;

²Professor do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB prof.flavioc@hotmail.com;

³Professora do curso de Administração – Faculdades Integradas de Bauru – FIB andreiacaon@hotmail.com.

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Infecção Hospitalar; Cuidados de Enfermagem; Protocolos Hospitalares; Unidade de Terapia Intensiva; *Bundle*.

Introdução: As Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) são ambientes destinados ao cuidado de pacientes em estado grave, que requerem monitoramento constante e, frequentemente, a realização de procedimentos invasivos (Vicente; Contrin; Werneck, 2023). De acordo com Silva; Barros; Silva (2022) é estimado que este setor represente 30% das Infecções Relacionadas a Saúde (IRAS) do hospital por ser um ambiente conveniente para presença de patógenos. Nesse contexto, os protocolos assistenciais de saúde configuram-se como instrumentos fundamentais para a sistematização das condutas clínicas promovendo a uniformização, qualidade e eficiência do atendimento das equipes multidisciplinares (Estrela *et al.*, 2021).

Objetivos: O objetivo desse estudo foi reforçar a importância da prática baseada em evidências, promovendo a excelência do cuidado em saúde dentro da Unidade de Terapia Intensiva.

Relevância do Estudo: Evidenciar o impacto das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), tanto na qualidade do cuidado prestado quanto nos custos hospitalares, além de reforçar a importância da implementação correta dos *bundles* como estratégia eficaz na prevenção dessas infecções. Ao destacar o papel do enfermeiro na educação da equipe, monitoramento de indicadores e adesão às boas práticas. Torna-se relevante destacar o papel e o trabalho do enfermeiro para melhorar a segurança do paciente, otimizar recursos e fortalecer a cultura de qualidade nas instituições de saúde.

Materiais e métodos: Tratou-se de uma revisão de literatura narrativa realizada através de bases de dados eletrônicas LILACS e SciELO (Scientific Electronic Library Online) nos idiomas inglês e português, disponíveis integralmente, com foco no tema e publicadas entre 2015 e 2025.

Resultados e discussões: No cenário brasileiro, estudos multicêntricos mostram que a adoção dos *bundles* pode reduzir em até 40% a incidência de Infecção de Corrente Sanguínea (ICS) e Pneumonia Associada a Ventilação Mecânica (PAV) estas evidências reforçam a importância da adesão contínua desta medida como estratégia eficaz para redução das Infecções Relacionadas à Saúde (IRAS) e para melhoria dos indicadores de qualidade hospitalar e assistencial (OMS, 2022; Pereira *et al.*, 2023). A baixa adesão aos protocolos pelas equipes de saúde é influenciada por fatores como sobrecarga de trabalho, falhas na comunicação, falta de treinamentos contínuos e ausência de auditorias. A literatura aponta que estratégias como checklists diários, auditorias regulares e educação permanente ativa podem melhorar significativamente a conformidade com as boas práticas (Estrela *et al.*, 2021). De acordo com Jaime *et al.* (2022) o uso de celulares em ambientes hospitalares representa

risco de contaminação, associado à falha na higienização das mãos. Um estudo com estudantes da saúde mostrou que 96,2% dos celulares apresentavam contaminação bacteriana, incluindo *Staphylococcus aureus* em 16,2% dos casos. Ainda existem lacunas científicas sobre o uso seguro de dispositivos móveis em ambientes hospitalares, evidenciando a necessidade de novos protocolos e pesquisas. Além disso, é essencial aprofundar o debate sobre o conhecimento, a percepção e a prática dos profissionais de saúde na prevenção das IRAS, visando a segurança do paciente e a qualidade da assistência (Jaime *et al.*, 2022; Silva; Barros; Silva, 2022).

Conclusão: Conclui-se que os objetivos propostos neste estudo foram alcançados, ao analisar a adesão da equipe de enfermagem aos *bundles* e protocolos de boas práticas adotados em unidades de terapia intensiva (UTIs) ressaltando a sua relevância fundamental na prevenção das Infecções Relacionadas à Saúde (IRAS) e na promoção da segurança e bem estar do paciente.

Referências

ESTRELA, F, M, *et al.* Elaboração de um protocolo assistencial multiprofissional para pessoas com feridas complexas na atenção primária à saúde. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.8, p. 83118-83139 ago. 2021. DOI: 10.34117. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/34808>. Acesso em: 10 abr. 2025.

JAIME, M. *et al.* Uso de celulares e infecções relacionadas à assistência à saúde: revisão integrativa. **Rev Sobec**, São Paulo. 2022. DOI:10.5327. Disponível em: <https://revista.sobecc.org.br/sobecc/article/view/812/772> . Acesso em: 01 abr. 2025.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Global report on infection prevention and control. Geneva: WHO,2022. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/354489/9789240051164-eng.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 set. 2025.

PEREIRA, P.P. *et al.* Fatores de risco para infecções relacionadas á assistência á saúde em unidades de terapia intensiva. **Rev. Enferm.UFPI**, Porto Velho. 2023. DOI:10.26694. Disponível em: [View of Risk factors for healthcare-associated infections in intensive care units](#). Acesso em: 09 abr. 2025.

SILVA, D.D.; BARROS, M.C.; SILVA, L.S.R. Controle de infecção hospitalar na unidade de terapia intensiva: Uma revisão integrativa. **Revista Nursing**, Pernambuco. 2022. DOI: 10.36489. Disponível em: [Vista do Controle de infecção hospitalar na unidade de terapia intensiva: Uma revisão integrativa](#). Acesso em: 01 abr. 2025.

VICENTE, A.P.R.; CONTRIN, L.M.; WERNECK, A.L. Adesão da equipe de enfermagem ao bundle de prevenção de infecções de corrente sanguínea relacionada ao cateter venoso central nas unidades de terapia intensiva. **CuidArte Enfermagem**, São José do Rio Preto. 2023. Disponível em: [0ec3c0f0e938c5ee91cf662e1e85c8b5.pdf](#). Acesso em: 01 abr. 2025.

O PAPEL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM UTI NO COMBATE A SEPSE

Amanda da Silva Batistucci¹; Flávio Ademilson Corradini Junior²; Olga Maris Moreira³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
amanda.silvabatistucci@outlook.com;

^{2,3}Professores do curso de Enfermagem– Faculdades Integradas de Bauru – FIB
prof.flavioc@hotmail.com; olgamaris@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Assistência de Enfermagem; Sepsis; Unidade de Terapia Intensiva.

Introdução: A sepsis é responsável por cerca de 11 milhões de mortes no mundo anualmente. No Brasil, ocorrem cerca de 400 mil casos em adultos por ano, resultando em 240 mil óbitos, com taxa de mortalidade de 60%, maior que em outros países em desenvolvimento (Brasil, 2023). Esse cenário exige maior atenção e agilidade no diagnóstico. O enfermeiro tem papel central, pois lidera a equipe de enfermagem e permanece próximo ao leito, possibilitando detecção precoce de sinais e sintomas, bem como planejamento de assistência individualizada (Santos et al., 2022). A implementação de protocolos terapêuticos para sepsis reduz a mortalidade e os custos hospitalares, reforçando a necessidade de capacitação contínua da equipe de enfermagem (Branco et al., 2020).

Objetivos: Analisar as contribuições do enfermeiro na detecção precoce e no manejo da sepsis em pacientes internados em UTI.

Relevância do Estudo: Diante da relevância da sepsis como uma das principais causas de mortalidade em unidades de terapia intensiva (UTI) adultas, torna-se essencial compreender o papel da equipe de enfermagem na detecção precoce dessa condição. Os profissionais de enfermagem, por manterem contato direto e contínuo com pacientes críticos, ocupam posição estratégica na implementação de intervenções que possibilitem a identificação precoce da sepsis, contribuindo para a redução de complicações e óbitos.

Materiais e métodos: Este estudo constitui uma revisão bibliográfica narrativa, realizada entre março e setembro de 2025. A busca foi feita em periódicos disponíveis nas bases LILACS, BVS, SciELO e sites oficiais. Como critérios de inclusão, foram selecionados estudos publicados em língua portuguesa, de acesso gratuito, que apresentavam relação direta com o tema proposto e que foram publicados nos últimos cinco anos.

Resultados e discussões: Conforme enfatiza Gonçalves et al. (2023) o conhecimento da equipe de enfermagem acerca da sepsis ainda apresenta lacunas significativas, especialmente na identificação precoce de sinais e sintomas. Esse reconhecimento configura-se como um desafio, uma vez que as manifestações clínicas podem ser facilmente confundidas com processos não infecciosos, passando frequentemente despercebidas na rotina assistencial. O cuidado com pacientes com sepsis requer que o enfermeiro adote uma abordagem abrangente, considerando que instrumentos de avaliação padronizados nem sempre são suficientes para enfrentar essa condição. Diante do aumento da incidência da sepsis, torna-se essencial a formação de equipes especializadas, preparadas para atuar de maneira eficiente. Além disso, conforme Carvalho et al. (2020) uma das principais ações de enfermagem diante da suspeita de evolução infecciosa para sepsis é a observação rigorosa da frequência cardíaca, o que contribui para o reconhecimento precoce do quadro e para a assistência adequada ao paciente crítico.

Conclusão: Diante desse panorama, é imprescindível investir na capacitação contínua da equipe de enfermagem, fortalecer a atuação multiprofissional e padronizar protocolos institucionais. A valorização do papel do enfermeiro no manejo da sepse contribui não apenas para a redução da morbimortalidade, mas também para a qualidade, humanização e resolutividade da assistência em terapia intensiva. O enfrentamento da sepse depende de profissionais capacitados, protocolos bem estruturados e prática baseada em evidências, garantindo melhores desfechos e cuidado digno ao paciente crítico.

Referências

BRANCO, M. J. C. et al. O papel do enfermeiro perante o paciente crítico com sepse. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 4, e20190031, 2020. DOI: 10.1590/0034-7167-2019-0031. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/vpDRwFcxG6TFRXyZhyVtbXQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2025.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Dia Mundial da Sepse: Brasil tem alta taxa de mortalidade por sepse entre os países em desenvolvimento, 2023. Publicado em: 13/09/2023. Atualizado em: 13/09/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sudeste/hu-uff/comunicacao/noticias/2023/dia-mundial-da-sepse-brasil-tem-alta-taxa-de-mortalidade-por-sepse-dentre-os-paises-em-desenvolvimento>. Acesso em: 18 mar. 2025.

CARVALHO, L. S. et al. Assistência de enfermagem na prevenção da sepse em uma UTI adulta de um hospital de referência em Santarém- PA. **Tópicos em ciências da saúde**, Belo Horizonte, 2020. E-book. p. 26. DOI: 10.36229/978-65-86127-59-1. Disponível em: https://www.poisson.com.br/livros/saude/volume19/Saude_vol19.pdf#page=26. Acesso em: 19 mar. 2025.

GONÇALVES, A. et al. Conhecimento da equipe de enfermagem sobre diretrizes para o manejo da Sepse. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, v. 26, n. 2, p. 17-24, 2023. DOI: 10.0.97.229/2527-2675/ReBraM/2023.v26i2.1479. Disponível em: <https://revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/1479>. Acesso em: 19 mar. 2025.

SANTOS, M. C. C. et al. Atuação do enfermeiro na identificação precoce da sepse: uma revisão integrativa. **Scire Salutis**, v.12, n.1, p.120-127, 2022. DOI: 10.6008/CBPC2236-9600.2022.001.0012. Disponível em: <https://sustenere.inf.br/index.php/sciresalutis/article/view/6325/3454>. Acesso em: 17 mar. 2025.

OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DO ENFERMEIRO GERADOS EM SUA JORNADA DE TRABALHO

Larissa Cristina da Silva Santos¹; Josiane Estela de Oliveira Prado²; Vanessa Malacrida de Morais³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB

larissa_da_silva_santos@hotmail.com;

^{2,3} Professoras do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB-
josituca66@gmail.com ; vani.malacrida@gmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Saúde mental, Enfermeiro, Estresse, Fatores estressores

Introdução: A saúde mental se refere a vivência do indivíduo numa boa condição de bem-estar, garantindo habilidades a serem desenvolvidas para resolução de dificuldades da vida e o convívio em comunidade. O bem-estar mental se trata de um direito básico do ser humano, a qual se define por resultados da relação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais (Brasil, 2025). Os profissionais da enfermagem enfrentam dia após dia, diversos problemas que ultrapassam as responsabilidades clínicas. Dessa forma, é notório que a saúde mental do enfermeiro deva ser considerada um tema de grande importância, para que haja garantia não só de seu bem-estar, como a eficiência dos serviços que serão prestados. Ademais, as longas jornadas de trabalho dos profissionais da saúde ao lado do paciente podem resultar em grandes impactos físicos e psicológicos associados à exposição de riscos biológicos, influenciando de modo negativo a sua trajetória profissional (Brito *et al.*, 2025).

Objetivo: O objetivo do estudo foi abordar os elementos estressores que impactam na saúde mental dos profissionais de enfermagem.

Relevância do Estudo: A relevância do estudo apresenta uma melhor compreensão do profissional de enfermagem e a sua demanda emocional excessiva em relação a sobrecarga no trabalho, com o intuito de gerar reflexões e debates sobre a importância da qualidade de vida laboral do profissional Enfermeiro.

Materiais e métodos: O estudo foi desenvolvido através de uma revisão literária do tipo narrativa caracterizada pelo uso de documentos científicos, como livros, teses, revistas eletrônicas e artigos científicos, que visam desenvolver assuntos específicos e metodologias. O tipo de método apresentado permite descrição abrangente sobre o assunto, de modo a ser construído sem que haja busca ou análise metodológica dos dados (Cavalcante; Oliveira, 2020). Os trabalhos utilizados foram obtidos por meio da busca de artigos científicos em revistas e publicações eletrônicas, teses e sites oficiais dos últimos 10 anos. As bases eletrônicas para pesquisa foram: Google Acadêmico, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Organização Mundial da Saúde (OMS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), empregando os seguintes descritores: saúde mental, Enfermeiro, estresse e fatores estressores.

Resultados e discussão: Conforme Oliveira, Mazzaia e Marcolan (2015) o sofrimento psíquico está relacionado ao ambiente de trabalho pelos profissionais de enfermagem, pela falta de resguardo e más condições oferecidas, gerando comprometimento na qualidade de vida do Enfermeiro e ocasionando o adoecimento devido ao trabalho excessivo, salário escasso, discriminação social, atmosfera física e outros. Em contrapartida Assis *et al.* (2021) afirmam que distúrbios emocionais como absenteísmo, produtividade diminuída e licença-saúde frequente prejudicam a função cognitiva, memória e habilidades de atenção do

profissional. Para Costa *et al.* (2024) e Oliveira, Mazzaia e Marcolan (2015) o transtorno de ansiedade está associado a fobia, pânico, mutismo seletivo, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de ansiedade induzido por medicações e demais tipos. Enquanto isso, a depressão está relacionada sintoma clínico de tristeza, como o sentimento de vazio, irritabilidade e mudanças somáticas e cognitivas, acometendo/que acomete o maior número de mulheres. Os altos níveis de ansiedade e depressão em enfermeiros é devido a demanda do trabalho, esforço excessivo do profissional e a sobrecarga de compromissos.

Conclusão: A saúde mental do Enfermeiro torna-se diretamente afetada pela excessiva produtividade e pressões diárias em plantões, prejudicando tanto a qualidade de vida do profissional como a sua assistência ao paciente. Portanto, é de suma relevância o desenvolvimento de estratégias e métodos para contribuir na minimização de problemas associados à saúde mental do Enfermeiro.

Referências

ASSIS, B. B. *et al.* Fatores associados ao estresse, ansiedade e depressão em profissionais de enfermagem no contexto hospitalar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Minas Gerais, v. 75, e20210263, 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0263>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/sNrgnYLNdK7Kw4XDPvCcs8D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Saúde Mental. **Assuntos, saúde A a Z, Saúde Mental**. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental>. Acesso em: 20 fev. 2025.

BRITO, S. A. *et al.* Condições de trabalho, saúde mental e qualidade de vida de Enfermeiros. **Rev. Caderno Pedagógico**. Curitiba, v. 22, n. 1, p. 1-21, jan. 2025. DOI:10.54033/cadpedv22n1-302. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/13789/7762>. Acesso em: 31 mar. 2025.

CAVALCANTE, L. T. C.; OLIVEIRA, A. A. S. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. DOI 10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/12005/18070>. Acesso em: 19 maio. 2025.

COSTA, D. O. *et al.* Níveis de ansiedade e depressão entre enfermeiros no contexto hospitalar. **Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 9, p. 01-21, ago. 2024. DOI 10.55905/revconv.17n.9-030. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/10199/6182>. Acesso em: 24 ago. 2025.

OLIVEIRA, F. P.; MAZZAIA, M. C.; MARCOLAN, J. Sintomas de depressão e fatores intervenientes entre enfermeiros de serviço hospitalar de emergência. **Revista Acta Paulista Enfermagem**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 209-215, nov. 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201500036>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/vDBqnmKkrKjgL3SYjZw87vD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 ago. 2025.

A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE ENFERMAGEM EM PACIENTES NO PERIOPERATÓRIO

Geovana Paola Francisco¹; Josiane Estela de Oliveira Prado²; Lídia Regina Costalino Cabello³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB- geovanapaola372@gmail.com

^{2,3}Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – josituca66@gmail.com ; lidiareginacabello@hotmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Assistência de Enfermagem, Diagnostico de Enfermagem, Assistência perioperatória, Cirurgia.

Introdução: O Processo de Enfermagem (PE) é uma abordagem sistemática que organiza o cuidado integral ao paciente, compreendendo avaliação, diagnóstico, planejamento, implementação e evolução, regulamentada pelas Resoluções COFEN nº 735/2024 e nº 736/2024 (Jost; Viegas; Caregnato, 2018; Santo et al., 2020). No perioperatório, a SAEP previne complicações e promove cuidado seguro e humanizado, fortalece a autonomia do enfermeiro e melhora resultados (Flenger; Medeiros, 2020; Peniche et al., 2017; Barbosa; Studart, 2017).

Objetivo: Avaliar como a aplicação do Processo de Enfermagem contribui para a qualidade da assistência, redução de complicações e segurança do paciente no período perioperatório.

Relevância do Estudo: O processo de enfermagem no perioperatório é essencial para assegurar segurança e qualidade no cuidado ao paciente. Durante a cirurgia, o paciente está em um momento de vulnerabilidade, e o uso desse processo ajuda a organizar melhor o atendimento, evitar problemas e oferecer um cuidado mais humano. Além disso, esse processo reconhece o papel do enfermeiro, reforça sua independência e destaca a importância da enfermagem dentro da equipe cirúrgica.

Materiais e métodos: Estudo tratou-se de uma revisão da literatura do tipo narrativa, analisou o Processo de Enfermagem no perioperatório, focando em qualidade, prevenção de complicações e segurança do paciente. A coleta de dados foi realizada em bases científicas como SciELO, LILACS, BVS e Google Acadêmico, além de documentos do COFEN e diretrizes da SOBECC. Inicialmente, trabalhos foram selecionados, analisados, incluídos os que contribuíram para construção deste, sendo no idioma português, publicados nos últimos 10 anos, na íntegra e disponível gratuitamente nas bases de dados. Foram excluídos os trabalhos incompletos, fora do período definido, em outros idiomas ou não alinhados ao tema.

Resultados e discussão: De acordo com Jost; Viegas; Caregnato (2018) o Processo de Enfermagem (PE) e a Sistematização da Assistência de Enfermagem Perioperatória (SAEP) são essenciais para garantir cuidados seguros, humanizados e de qualidade no perioperatório, reduzindo complicações e fortalecendo a atuação do enfermeiro. Desafios incluem sobrecarga de trabalho, resistência à mudança e registros inadequados, sendo a capacitação contínua e o reconhecimento profissional fundamentais citados por Barbosa; Studart (2017) na SRPA, a SAE permite acompanhamento detalhado e detecção precoce de complicações, que variam de leves a críticas, incluindo instabilidades, problemas respiratórios e dor aguda, com intervenções graduadas conforme a Escala de Riscos na RPA (Prearo; Fontes, 2019; Peniche et al., 2017).

Conclusão: Conclui-se que apesar dos desafios existentes, o Processo de Enfermagem permanece essencial na assistência perioperatória, pois amplia a autonomia do enfermeiro,

garante cuidados personalizados e reafirma a enfermagem como protagonista na oferta de um cuidado cirúrgico seguro, eficiente e humanizado e ao paciente a garantia de uma assistência com qualidade.

Referências

BARBOSA, A.S; STUDART, R. M. B. Diagnostico de enfermagem em paciente internados em uma unidade de pós-operatório de alta complexidade. **Revista de Enfermagem da UFPI**. V. 3, n. 6 p. 18-23, jul/set. 2017. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/5893/pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.

COFEN – **Conselho Federal de Enfermagem**, Resolução Cofen nº736 de 17 de janeiro de 2024. Dispõe sobre a implementação do Processo de Enfermagem em todo Contexto socioambiental onde ocorre o cuidado de enfermagem e revoga a Resolução nº 358/2009. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-3582009>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FENGLER, F.C; MEDEIROS, C.R.G. Sistematização da assistência de Enfermagem no período perioperatorio: Análise de registros. **Revista Sobecc**, v.25, n.1, p. 50-57 jan./mar. São Paulo, 2020. DOI 10.5327/Z1414-44202000010008. Disponível em: <https://revista.sobecc.org.br/sobecc/article/view/517/pdf> Acesso em: 23 mar. 2025.

JOST, M.T; VIEGAS, K; CAREGNATO, R.C.A. Sistematização da assistência de enfermagem perioperatoria na segurança do paciente: **Revisão integrada, Revista Sobecc**, v. 23, n. 4, p. 218-225, out./dez. São Paulo, 2018. DOI:10.5327/Z1414-4425201800040009. Disponível em: https://revista.sobecc.org.br/sobecc/article/view/440/pdf_1 Acesso em: 25 mar. 2025.

PENICHE, A.C.G, et al. Sala de Recuperação pós-anestésica (SRPA). In: MORIYS, G.A.A. (ED.). **Diretrizes de Prática em Enfermagem Cirúrgica e Processamento de Produtos para a Saúde** - SOBECC: n. 7º Ed. Barueri, SP: Manole, 2017. p. 439-446. Acesso em: 03 abr. 2025.

PREARO, M; FONTES, C.M.B. Sistematização de Enfermagem na sala de recuperação pós-anestésica: **Revisão Integrada. Enferm. Foco**, 2019. DOI:<http://dx.doi.org/10.21675/2357-707X.2019.v10.n7.2470> Disponível em: [file:///C:/Users/55149/Downloads/artigopublicadoMarinaPrearorevisointegrativa-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/55149/Downloads/artigopublicadoMarinaPrearorevisointegrativa-PB%20(1).pdf). Acesso em: 25 mar. 2025.

SANTO, I.M.B. E. et al. Sistematização da assistência de enfermagem perioperatória (SAEP) Reflexos da aplicabilidade no Processo de Cuidar. REAS – **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Brasília, DF vol. Sup. N. 43, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e2945.2020> Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2945/1603>. Acesso em: 25 mar. 2025.

O PAPEL DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Geovana Marinho de Alvarenga¹; Vanessa Malacrida de Moraes²; Ana Kelly Kapp Poli Schineider³
¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – geovana.marinho@yahoo.com.
^{2,3}Professoras de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
vani.malacrida@gmail.com; anakellypoli@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Enfermagem obstétrica; Violência obstétrica; Parto humanizado; Direitos da mulher; Atuação do enfermeiro.

Introdução: A violência obstétrica abrange uma variedade de ações abusivas, desrespeitosas e negligenciadas que acontecem durante a gravidez, o parto e o período pós-parto prejudicando a saúde física e emocional da mulher. Essas práticas podem se expressar de várias maneiras, desde comentários depreciativos e comportamentos coercitivos até a execução de procedimentos médicos sem o consentimento da grávida ou sem uma justificativa clínica apropriada (Ministério Público do Estado do Pará, 2024). A Resolução COFEN Nº 672/2021 define as orientações para a prática dos Enfermeiros no cuidado a gestantes, mães e recém-nascidos. Segundo essa norma, é responsabilidade do enfermeiro: assistência direta à mulher e ao bebê; acompanhamento da progressão e do trabalho de parto realização de partos sem distocia; realização de episiotomias e episiorrafias, quando necessário, com uso de anestesia local; e o acompanhamento obstétrico da mulher e do bebê desde a admissão hospitalar até a alta hospitalar (COFEN, 2025). Assim, o enfermeiro obstetra exerce papel central na prevenção da violência obstétrica estabelecendo vínculo de confiança com a parturiente, promovendo assistência humanizada e fortalecendo a educação em saúde (Brandão; Andrade, 2022).

Objetivos: O referido trabalho teve como objetivo identificar a importância do enfermeiro na prevenção da violência obstétrica.

Relevância do Estudo: O cuidado no ciclo gravídico-puerperal, especialmente no parto, é um momento de maior fragilidade para a mulher. Nesse contexto, destaca-se a importância das estratégias profissionais voltadas ao respeito dos direitos, à redução de intervenções desnecessárias e ao fortalecimento da educação em saúde, promovendo a humanização do parto e a qualidade da assistência obstétrica.

Materiais e métodos: O estudo foi conduzido por meio de uma revisão bibliográfica retrospectiva, na modalidade de revisão narrativa, possibilitando reunir e analisar criticamente a produção científica existente sobre o tema, com foco no papel do enfermeiro na prevenção a violência obstétrica. O levantamento dos artigos ocorreu entre fevereiro e setembro de 2025 nas bases de dados SciELO, LILACS, BVS, Google Acadêmico e em órgãos oficiais.

Resultados e discussões: A Defensoria Pública do Estado de São Paulo, afirma que a violência obstétrica é descrita como a transgressão ao direito da mulher atingindo seu corpo e processos reprodutivos. Ela expressa – se por meio de tratamentos desumanos, tornar patológico processos naturais do trabalho de parto, e assim inibir o direito da mulher de decidir sobre o seu corpo. De acordo com Nascimento *et al.* (2024) ao fornecer conhecimento sobre os procedimentos e direitos reprodutivos, esse processo permite que a mulher exerça maior poder de decisão frente às intervenções médicas, contribuindo para a redução de práticas coercitivas ou desrespeitosas. Dessa forma, a educação em saúde desempenha um papel estratégico na prevenção da violência obstétrica, alinhando-se às políticas de humanização do SUS e à promoção de um cuidado mais ético, seguro e centrado na mulher. Nesse cenário

o enfermeiro assume protagonismo no ciclo gravídico-puerperal. Sua atuação vai além do clínico, envolvendo acolhimento, orientação e educação em saúde. O pré-natal possibilita identificar riscos e elaborar planos de cuidado (Calderan *et al.*, 2024) enquanto o acompanhamento no pós-parto, por meio de consultas e visitas domiciliares, assegura adaptação segura da mulher e sua família (Silva *et al.*, 2024). Assim, a enfermagem é peça-chave na prevenção da violência obstétrica e na consolidação de uma assistência humanizada.

Conclusão: Conclui-se que a violência obstétrica compromete os direitos, a autonomia e o protagonismo da mulher durante o ciclo gravídico-puerperal. Nesse contexto, a educação em saúde surge como estratégia essencial para fortalecer a tomada de decisão feminina e prevenir práticas abusivas. A atuação do enfermeiro, pautada no acolhimento, na orientação e no acompanhamento integral, torna-se fundamental para consolidar uma assistência humanizada, ética e centrada na mulher.

Referências:

BRANDÃO, T.M.N; ANDRADE, M. C. M. Violência Obstétrica: a dor que tem cor e gênero. Mosaico - **Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 13, n. 1, p. 43-54, jan./abr. 2022. DOI: 10.21727/rm.v13i1.2996 Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/2996/1819v> Acesso em: 4 abr. 2025.

CALDERAN, T. C. *et al.* O olhar do enfermeiro no ciclo gravídico puerperal de baixo risco. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 10, p. e139131047098, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v13i10.47098> Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/47098/37323> Acesso em 03 set. 2025.

COFEN. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN nº 672, de 21 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-672-2021/>. Acesso em: 1 abr. 2025

MPPA. MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARÁ. Cartilha de Violência Obstétrica. Belém: MPPA, 2024. Disponível em: <https://www.mppa.mp.br/data/files/98/56/92/DE/A8A1F8102F73B3D8180808FF/CARTILHA%20DE%20VIOLENCIA%20OBSTETRICA.pdf> Acesso em: 02 abr. 2025.

NASCIMENTO, M. E. B. *et al.* Educação em saúde na prevenção á violência obstétrica. **Jounal of implantology and health sciences**, v. 6, n. 3, p. 806–816, 2024. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih.s/article/view/1640/1829> Acesso em: 06 set. 2025

SILVA, G. L. P. *et al.* Assistência de enfermagem à puerpera: uma revisão integrativa de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 2, p. e68887, 2024. DOI:10.34119/bjhrv7n2-362 Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/68887/48807> Acesso em: 03 set. 2025.